

"Quando a ficção-científica é de excelente qualidade chamam-lhe literatura. Este é um desses casos."
— BBC.CO.UK

EIS O HOMEM

michael moorcock

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Eis o Homem

Michael Moorcock

Tradução de Luis Rodrigues



Ao Tom Disch

Este homem não detém o poder material dos deuses imperadores; apenas um séquito de pescadores e gente do deserto. Chamam-lhe deus; e ele acredita. Os discípulos de Alexandre diziam: «Ei-lo invencível, e por isso um deus.» Os discípulos deste homem mal pensam sequer; ele é o seu acto de criação espontânea. Guia-os agora, este nazareno louco chamado Jesus.

*E falou-lhes, dizendo: Sim, na verdade fui Karl Glogauer e agora sou Jesus, o Messias, o Cristo.
E assim foi.*

I

A máquina do tempo era uma esfera cheia de fluido leitoso, no interior da qual flutuava o viajante, encerrado num fato de borracha e respirando por uma máscara ligada à parede do aparelho por um tubo. A esfera rachara-se na aterragem e o fluido transbordava sobre a terra, que o absorvia. Movido pelo instinto, Glogauer enrolou-se numa bola, enquanto o líquido escoou e ele foi ao fundo, ao encontro do plástico macio do revestimento interno da máquina. Os instrumentos, crípticos, pouco convencionais, permaneciam mudos. A esfera tremeu e rebolou para o lado, com o pouco líquido remanescente a pingar do enorme rasgão.

Aos poucos, Glogauer foi abrindo e fechando os olhos. Escancarou a boca numa espécie de bocejo, sacudiu a língua e soltou um gemido que logo se transformou num uivo.

Ouviu-se a si próprio. É a Voz das Línguas, pensou. A linguagem do inconsciente. Contudo, não fazia idéia do que estava a dizer.

O corpo ficou dormente e ele estremeceu. A viagem no tempo não tinha sido fácil, e nem o líquido espesso o protegera por completo, embora lhe tivesse indubitavelmente salvo a vida. De certeza que tinha costelas partidas. Dorido, Glogauer esticou os braços e as pernas e começou a rastejar pelo plástico escorregadio em direcção à abertura na máquina. Contra a luz de um sol inclemente, viu um céu com reflexos de aço. Arrastou-se meio para fora da fenda, fechando os olhos à força incandescente do sol. Perdeu a consciência.

Primeiro período, 1949. Tinha nove anos, nascido dois anos após a chegada do pai a Inglaterra vindo da Áustria.

As outras crianças riam às gargalhadas no cascalho do recreio. A brincadeira tinha começado com bastante entusiasmo e Karl, um tanto nervoso, juntara-se-lhe no mesmo espírito. Chorava agora.

— Ponham-me no *chão*! Pára, Mervyn, por favor!

Tinham-no atado de braços abertos à rede de arame da vedação. A rede curvava-se para fora com o peso e um dos postes ameaçava soltar -se. Mervyn Williams, o rapaz que sugerira a brincadeira, começou a abanar o poste para que Karl balouçasse com força para trás e para a frente na rede.

— Pára!

Viu que os gritos só os encorajavam e cerrou os dentes, calando-se.

Deixou pender o corpo, fingindo perder os sentidos; as gravatas da escola que tinham usado para o atar cortaram-lhe os pulsos. A vozeada das crianças esmoreceu.

— Ele está bem? — Era Molly Turner quem sussurrava.

— Está só a brincar — respondeu Williams, sem grandes certezas.

Karl sentiu-lhes os dedos a desatar os nós com alguma atrapalhação. Propositadamente, deixou-se cair, primeiro de joelhos, esfolando-os no cascalho, e depois de cara contra o chão.

Em parte convencido pelo próprio engodo, pareceu-lhe ouvir ao longe as vozes aflitas dos colegas.

Williams sacudiu-o.

— Acorda, Karl. Pára lá de fingir.

Deixou-se ficar, perdendo a noção do tempo, até que ouviu a voz do Sr. Matson elevar-se do rebuliço geral.

— Mas que diabo se passa aqui, Williams?

— Estávamos a brincar ao Senhor Jesus, Sr. Matson. Karl era Jesus. Atámo-lo à vedação. A idéia foi dele, Sr. Matson. Estávamos só a brincar.

O corpo de Karl estava rígido, todavia conseguiu permanecer quieto, respirando devagar.

— Ele não é nenhum matulão como tu, ó Williams. Já devias saber isso.

— Desculpe, Sr. Matson. A sério. — Williams falava como se estivesse a chorar.

Karl sentiu levantarem-no; sentiu o triunfo...

Estava a ser carregado. A cabeça e a ilharga estavam tão doridas que se sentiu maldisposto. Não tivera ainda oportunidade de descobrir onde, ao certo, a máquina do tempo o tinha deixado, mas, virando a cabeça, pôde constatar pela forma como o homem à sua direita se vestia que ao menos se encontrava no Médio Oriente.

O seu objectivo era o ano 29 d.C. no deserto para lá de Jerusalém, nos arredores de Belém. Estariam agora a levá-lo para Jerusalém?

Encontrava-se numa padiola aparentemente feita de peles de animais; tal indicava que, no mínimo, tinha ido parar ao passado. Dois homens carregavam a padiola aos ombros. Outros caminhavam de ambos os lados. Cheirava a suor e gordura animal e a qualquer coisa bafienta que Glogauer não conseguiu identificar. Dirigiam-se para uma fileira de montes distantes.

Glogauer encolhia-se a cada solavanco da padiola, e a dor na ilharga aumentava. Desmaiou uma segunda vez.

Acordou por instantes ao escutar vozes. Falavam no que era óbvio tratar-se de um dialecto do aramaico. Parecia ser noite, já que estava muito escuro. Tinham parado. Glogauer sentiu palha debaixo do corpo. Ficou aliviado. E adormeceu.

E naqueles dias apareceu João Baptista, pregando no deserto da Judeia, E dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus. Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto, preparai o caminho do Senhor, endireitai as Suas veredas. E este João tinha o seu vestido de pêlos de camelo, e um cinto de couro em torno dos seus lombos; e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. Então ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judeia, e toda a província adjacente ao Jordão; E eram por ele baptizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.

(S. Mateus 3:1-6)

Lavavam-no. Glogauer sentiu a água fria escorrer-lhe pelo corpo nu. Tinham conseguido despir-lhe o fato protector. De encontro às costelas do lado direito, tinha agora camadas de tecido espesso, presas por cintas de couro.

Sentia-se muito fraco, e cheio de calor, mas menos dorido.

Encontrava-se no interior de um edifício—ou quiçá uma caverna, estava demasiado escuro para se perceber qual — deitado num monte de palha saturado de água. Dos seus cântaros de barro, dois homens jorravam grandes quantidades de água sobre Glogauer. Homens carrancudos, de barba, e vestes de algodão.

Teve curiosidade em saber se conseguiria formular uma frase que pudessem entender. Os seus conhecimentos de aramaico escrito eram fortes, mas não tinha certezas acerca de determinadas pronúncias.

Pigarreou.

— Onde—ser—este—lugar?

Os homens franziram o sobrolho, acenando negativamente com as cabeças e baixando os cântaros.

— Procuo—um—nazareno—Jesus...

— Nazareno. Jesus. — Um dos homens repetiu as palavras, embora não lhe parecessem dizer nada. Encolheu os ombros.

O outro, no entanto, limitou-se a repetir a palavra nazareno, devagar, como se contivesse um significado especial. Murmurou umas quantas palavras ao outro homem, entre dentes, e dirigiu-se para a entrada do quarto.

Karl Glogauer continuou a tentar dizer algo que o homem que tinha ficado pudesse compreender.

— Que—ano—de—o Imperador Romano—em— Roma?

Tinha consciência de que era uma pergunta confusa. Sabia que Cristo havia sido crucificado no décimo quinto ano do reinado de Tibério, e era por isso que a fazia. Procurou expressar-se melhor.

— Quantos—anos—reina Tibério?

— Tibério?

O ouvido de Glogauer começava a ajustar-se à pronúncia, e o viajante esforçou-se por simulá-la melhor.

— Tibério. O imperador dos romanos. Quantos anos já reinou?

— Quantos? — O homem abanou a cabeça. — Não sei.

Ao menos, Glogauer tinha conseguido fazer-se entender.

— Que lugar é este? — perguntou.

— É o deserto atrás de Maqueros — respondeu o homem. — Não sabes?

Maqueros ficava a sudeste de Jerusalém, para lá do Mar Morto. Não havia dúvidas de que se encontrava no passado e que a época correspondia à do reinado de Tibério, uma vez que o homem tinha reconhecido o nome sem grande dificuldade.

O companheiro regressava agora, trazendo consigo um indivíduo enorme, de braços peludos e musculados, e grandes peitorais. Trazia um cajado grande numa das mãos. Envergava peles de animais e tinha, à vontade, um metro e oitenta de altura. O cabelo negro e encaracolado era comprido, e tinha uma barba farta e escura que lhe cobria a parte superior do peito. Movimentava-se como um animal, e os seus olhos castanhos, grandes e penetrantes, observavam Glogauer com ponderação.

Quando falou, foi numa voz grossa, porém demasiado rápida para Glogauer a conseguir acompanhar. Foi a vez de Glogauer abanar a cabeça.

O gigante agachou-se a seu lado.

— Quem és tu?

Glogauer hesitou. Não planeara ser descoberto desta maneira. Tencionara disfarçar-se de viajante sírio, na esperança de que os sotaques regionais fossem suficientemente diversos para explicar as suas próprias dificuldades com a língua. Resolveu que o ideal seria manter-se fiel à sua história e esperar que as coisas corressem pelo melhor.

— Sou do norte — disse.

— E não do Egipto? — perguntou o gigante. Era como se esperasse que Glogauer fosse daí. Glogauer concluiu que, se o homem pensava assim, então mais valia dar-lhe razão.

— Saí do Egipto há dois anos — afirmou.

O gigante acenou com a cabeça, aparentemente satisfeito.

— És, então, um mago do Egípto. Tal como pensávamos. E chamaste Jesus, e és o nazareno.

— *Procuro* Jesus, o nazareno — corrigiu Glogauer.

— Como te chamas, então? — O homem pareceu desiludido.

Glogauer não podia revelar o seu próprio nome. Soaria demasiado estranho aos ouvidos desta gente. Instintivamente, deulhes o nome do pai.

— Emanuel — respondeu.

O homem acenou com a cabeça, de novo satisfeito.

— Emanuel.

Glogauer apercebeu-se, tarde demais, de que a escolha de nome fora infeliz dadas as circunstâncias, uma vez que Emanuel significava «Deus conosco» em hebraico, e que sem dúvida encerrava um significado místico para o seu interlocutor.

— E tu, como te chamas? — perguntou.

O homem endireitou-se e, cismático, olhou Glogauer do alto.

— Não me conheces? Nunca ouviste falar de João, chamado o Baptista?

Glogauer fez por ocultar a surpresa, mas era óbvio para João Baptista que o seu nome era reconhecido. O gigante acenou com a cabeça hirsuta.

— Vejo que me conheces. Bem, mago, agora é preciso decidir, eh?

— Decidir o quê? — perguntou Glogauer, com algum nervosismo.

— Se és o amigo das profecias ou o falso aliado acerca do qual nos avisou Adonai. Os romanos tencionam entregar-me nas mãos dos meus inimigos, os filhos de Herodes.

— Porquê?

— Deves saber porquê, já que maldigo os romanos que escravizaram a Judeia, e maldigo os crimes de Herodes, e vaticino uma era em que todos os injustos serão destruídos e o reino de Adonai reposto na Terra, tal como afirmaram os antigos profetas. Digo às multidões: «Preparai-vos para o dia quando pegardes na espada para cumprir a vontade de Adonai». Os ímprobos sabem que irão cair nesse dia, e por isso querem-me destruído.

Apesar da intensidade das palavras, o tom na voz de João era neutro. Não havia qualquer indício de demência ou fanatismo na sua cara ou postura. Mais parecia um vigário anglicano, lendo um sermão cujo significado para si já tinha perdido toda a veemência.

Karl Glogauer apercebeu-se de que, na essência do que ouvira, João Baptista agitava as massas para expulsar os romanos e o seu fantoche, Herodes, e estabelecer um regime mais «justo». A atribuição do plano a «Adonai» (um dos nomes falados de Jeová, e que significava O Senhor) parecia, como muitos humanistas do século XX tinham adivinhado, uma forma de conferir a tais desígnios um peso suplementar. Num mundo onde a política e a religião se encontravam inexoravelmente ligados, até no ocidente, era necessário imputar uma origem sobrenatural ao plano.

De facto, pensou Glogauer, era bastante provável que João acreditasse que a sua idéia fosse inspirada por Deus, dado que os gregos no outro lado do Mediterrâneo continuavam ainda a discutir as origens da inspiração — se tinha origem na cabeça do homem ou se era lá posta pelos deuses. Também não surpreendia Glogauer que João o tomasse por uma espécie de mago egípcio. As circunstâncias da sua chegada deviam ter parecido extraordinariamente miraculosas e, ao mesmo tempo, aceitáveis, em especial para uma seita como a dos essénios, que praticavam a autoflagelação e o jejum, e que já deviam estar bastante habituados às visões do deserto escaldante. Já não restavam dúvidas de que estes eram os neuróticos essénios, cujas abluções rituais — o baptismo — e a autoprivação, aliadas ao misticismo quase paranóico que os levava a criar línguas secretas e afins, eram um sólido indício do seu desequilíbrio mental. Tudo isto passou pela cabeça de Glogauer, o psiquiatra frustrado; no entanto, Glogauer, o homem, dividia-se entre os pólos do racionalismo puro e do desejo de se deixar convencer pelo misticismo em si.

— Preciso de meditar — anunciou João, dirigindo-se para a entrada da caverna. — Preciso de rezar. Ficarás aqui até que me seja concedida orientação.

Abandonou a caverna, afastando-se rapidamente e a passos largos.

Glogauer deixou-se cair na palha humedecida. Encontrava se, já não restavam dúvidas, numa caverna de pedra calcária, e a atmosfera no seu interior era surpreendentemente húmida. Devia estar muito calor lá fora. Glogauer sentiu-se sonolento.

II

Fora há cinco anos. Quase dois mil anos na direcção do futuro. Deitado na cama quente e encharcada de suor com Monica. Mais uma vez, a nova tentativa de fazer amor de forma normal tinha-se metamorfoseado no teatro de pequenas aberrações que parecia satisfazê-la mais do que outra coisa qualquer.

O verdadeiro namoro e concretização ainda estava por acontecer, no entanto. Como sempre, seria verbal. Como sempre, encontraria o clímax na fúria de uma discussão.

— Calculo que me vás dizer que não ficaste satisfeito outra vez.

— Monica aceitou o cigarro aceso que Karl lhe passara no escuro.

— Estou bem — respondeu ele.

Fez-se silêncio por um instante, enquanto fumaram.

Ao cabo de algum tempo, e apesar de saber o que resultaria daí se o fizesse, Karl deu por si a falar.

— É irónico, não é? — começou.

Ficou à espera da resposta. Monica ainda se demoraria um bocadinho.

— O quê? — disse por fim.

— Tudo isto. Passas o dia todo a tentar ajudar neuróticos sexuais a ficarem normais. E depois passas a noite a fazer o mesmo que eles.

— Não é a mesma coisa. Sabes muito bem que é tudo uma questão de grau.

— Se tu o dizes.

Karl virou-se e observou a cara da namorada à luz das estrelas que entrava pela janela. Era uma ruiva de rosto chupado, com a voz calma e profissionalmente sedutora que era a da psiquiatra assistente social. Uma voz meiga, racional, e insincera. Só às vezes, quando ficava particularmente ansiosa, é que a voz começava a

indicar o seu verdadeiro carácter. As feições nunca pareciam descansar, nem mesmo enquanto dormia. Os seus olhos estavam sempre alerta, e os movimentos só raramente eram espontâneos. Cada centímetro do seu corpo encontrava-se protegido, o que talvez explicasse a razão de sentir tão pouco prazer no vulgar acto de fazer amor.

— Não te consegues mesmo entregar, pois não? — disse ele.

— Oh pá, cala-te, Karl. Olha mas é para ti, se andas à procura de uma crise de nervos.

Eram ambos psiquiatras amadores: ela, psiquiatra assistente social, e ele, nada mais do que um leitor, um curioso, embora tivesse feito um ano de estudos, há tempos, quando fizera planos de se tornar psiquiatra. Empregavam a nomenclatura psiquiátrica de forma livre. Sentiam-se melhor quando conseguiam dar nomes às coisas.

Karl voltou-lhe as costas e apalpou a mesa-de-cabeceira à procura do cinzeiro, ao que vislumbrou um reflexo seu no espelho da cómoda. Karl era um livreiro judeu, pálido, muito sério e rabugento, com a cabeça cheia de idéias e obsessões por resolver, e um corpo pleno de emoções. Perdia sempre nestas discussões com Monica. Nas palavras, quem dominava era ela. Karl ficava muitas vezes com a impressão de que este género de disputa era mais perverso do que as suas relações, onde ao menos desempenhava geralmente o papel masculino. No fundo, apercebeu-se, era passivo, masoquista e indeciso. Até os seus frequentes acessos de cólera eram impotentes. Monica era dez anos mais velha, dez anos mais amarga. Como indivíduo, Monica era, claro, muito mais dinâmica do que ele, mas, como psiquiatra assistente social, tinha enfrentado tantos desaires quanto Karl. Continuava a mourejar, tornando-se cada vez mais cínica à superfície mas ainda assim esperando, talvez, uns quantos êxitos estrondosos junto dos pacientes. O problema é que se esforçavam demasiado, pensou ele. Os padres do confessionário ministravam uma panaceia; os psiquiatras tentavam a cura e, na maior parte das vezes, falhavam. Mas ao menos tentavam, pensou, e teve curiosidade em saber se tal seria, afinal de contas, uma virtude.

— Já olhei bem para mim — disse.

Estaria ela a dormir? Voltou-se. Os olhos desconfiados de Monica continuavam ainda bem abertos e espreitavam pela janela.

— Já olhei bem para mim — repetiu. — Da mesma maneira que Jung. «Como posso eu ajudar estas pessoas se também sou um fugitivo, e quiçá também padeça do *morbus sacer* de uma neurose?» Foi o que Jung se perguntou a si próprio...

— O velho sensacionalista. O velho racionalizador do seu próprio misticismo. Não admira que nunca te tenhas tornado psiquiatra.

— Não teria sido nada de jeito. Não tem nada a ver com Jung...

— Não me descarregues as culpas em cima...

— Tu própria disseste sentir o mesmo—achas que não vale a pena...

— Ao fim de uma árdua semana de trabalho, é possível que diga isso. Dá-me outro cigarro.

Karl abriu o maço que se encontrava sobre a mesa-de-cabeceira e, levando dois cigarros à boca, acendeu-os e deu-lhe um.

De forma quase abstracta, constatou que a tensão estava a aumentar. A discussão era, como sempre, despropositada. Mas o importante não era a discussão; era apenas a expressão da sua relação essencial. Teve curiosidade em saber se também isso seria importante.

— Não me estás a contar a verdade. — Tinha consciência de que já não podia parar, agora que o ritual se encontrava em andamento.

— Estou a contar-te a verdade prática. Não tenho razões para largar o emprego. Não quero ser nenhuma falhada...

— Falhada? Ainda és mais melodramática do que eu.

— És muito fervoroso, Karl. Fazia-te bem seres mais tolerante.

Karl escarneceu.

— Se fosse a ti, largava o emprego, Monica. Tens tanto jeito para aquilo como eu.

Ela encolheu os ombros.

— Não passas de um sacaninha, tu.

— Não tenho inveja de ti, se é o que estás a pensar. Tu nunca irias compreender o que procuro.

O riso dela foi artificial, frágil.

— O homem moderno em busca de uma alma, eh? O homem moderno em busca de uma muleta, é o que eu digo. Entende isso como quiseres.

— Estamos a destruir os mitos que fazem o mundo andar à roda.

— E agora dizes: «E que pomos nós no seu lugar?» És chato e és estúpido, Karl. Nunca olhaste racionalmente para nada — nem mesmo para ti.

— E daí? Dizes que o mito não importa.

— A realidade que o cria é importante.

— Jung reconhecia que o mito também pode criar a realidade.

— É para que vejas o velho bêbedo que ele era.

Karl espreguiçou as pernas. Ao fazê-lo, tocou nas dela e encolheu-se. Coçou a cabeça. Monica continuava a fumar, embora sorrisse agora.

— Vá lá — disse ela. — Venha daí a cantiga de Cristo.

Karl não respondeu. Monica entregou-lhe a beata de cigarro e Karl pô-la no cinzeiro. Olhou para o relógio. Eram duas da manhã.

— Por que fazemos isto? — perguntou ele.

— Porque é preciso. — Monica pôs-lhe a mão na nuca e puxou-o de encontro ao seio. — Que mais podemos fazer?

Nós, os protestantes, seremos mais tarde ou mais cedo obrigados a confrontar a seguinte questão: Deveremos entender a «imitação de Cristo» no sentido em que devemos copiar a sua vida e, se me é permitida a expressão, macaquear-lhe os estigmas; ou no sentido mais profundo, pelo qual devemos viver com a mesma verdade com que Jesus viveu, com tudo o que daí advenha? Não é fácil viver à imagem de Cristo, mas é indescritivelmente mais árduo viver com a mesma verdade que ele. Quem o fizesse seria... incompreendido, achincalhado, torturado e crucificado... A neurose é uma dissociação da personalidade.

(Jung, O homem moderno em busca de uma alma)

João Baptista esteve ausente um mês, durante o qual Glogauer viveu com os essênios, admirando-se com a facilidade, à medida que as costelas foram melhorando, com que se adaptou ao seu dia-a-dia. A povoação dos essênios compunha-se de uma mistura de casas de andar único, construídas em pedra calcária e tijolo de barro, e das cavernas que se podiam encontrar de ambos os lados do vale pouco profundo. Os essênios partilhavam os seus bens com a comunidade, e esta seita específica tinha mulheres, embora muitos essênios levassem vidas completamente monásticas. Os essênios eram também pacifistas, rejeitando a posse e o fabrico de armas — se bem que esta seita tolerasse o belicoso Baptista. É possível que o ódio aos romanos fosse mais forte do que os seus princípios. É possível que não estivessem seguros das intenções de João no seu todo. Fosse qual fosse o motivo dessa tolerância, poucas dúvidas restavam de que João Baptista era, para todos os efeitos, o seu líder.

A vida dos essênios consistia num banho ritual três vezes por dia, orações e trabalho. O trabalho não era árduo. Às vezes, Glogauer guiava o arado, que outros dois membros da seita puxavam; outras, ficava a guardar as cabras que eram livres de pastar nas encostas. Era uma vida pacata e ordeira, e mesmo os aspectos mais insalubres eram uma questão de rotina, tal que, ao fim de algum tempo, Glogauer mal reparava neles.

Enquanto guardava cabras, ia deitar-se no cimo do monte, onde tinha vista para o deserto que não era bem um deserto, mas um mato pedregoso capaz de alimentar animais como cabras e ovelhas. O mato era interrompido por arbustos rasteiros e umas quantas arvorezitas crescendo ao longo das margens do rio que, sem dúvida, desaguava no Mar Morto. Era terreno acidentado. Em linhas gerais, tinha o aspecto de um lago tempestuoso, gélido e castanho-amarelado. Para lá do Mar Morto ficava Jerusalém. Era óbvio que Cristo não tinha ainda entrado na cidade pela última vez. João Baptista teria de morrer antes que tal sucedesse.

O modo de vida dos essénios era bastante tranquilo, apesar da simplicidade. Tinham-lhe dado uma tanga de pele de cabra e um cajado, e a não ser pelo facto de o vigiarem noite e dia, pareciam terem-no acolhido como uma espécie de membro leigo da seita.

Por vezes, interrogavam-no descontraidamente acerca do carro — a máquina do tempo que tencionavam ir buscar ao deserto sem demora — e ele respondia-lhes que o tinha trazido do Egipto para a Síria, e depois para ali. Aceitavam o milagre com serenidade. Tal como desconfiara, já estavam habituados.

Os essénios tinham visto coisas mais estranhas do que a sua máquina do tempo. Tinham visto homens caminhar sobre a água e anjos descerem e subirem aos céus; tinham escutado a voz de Deus e dos Seus arcanjos, bem como a tentadora voz de Satanás e dos seus favoritos. Escreviam tudo isto em rolos de pergaminho. Um registo do sobrenatural apenas, da mesma forma que outros pergaminhos eram registos do seu dia-a-dia e das notícias que os membros itinerantes da seita lhes faziam chegar.

Viviam constantemente na presença de Deus, falavam com Ele e Ele respondia-lhes quando já tinham mortificado a carne, jejuado e entoado as suas orações sob o insuportável sol da Judeia.

Karl Glogauer deixou crescer o cabelo e a barba. Mortificava a carne, jejuava e entoava orações ao sol, como os outros. Mas era raro ouvir Deus e só uma vez pensou ter visto um arcanjo com asas de fogo.

Apesar da vontade que tinha de experimentar as alucinações dos essénios, Glogauer estava desiludido, porém surpreso por se sentir tão bem, tendo em conta todo o sofrimento auto-infligido a que se tivera de submeter, sentindo-se também à vontade na companhia destes homens e mulheres que eram claramente loucos. Talvez por esta loucura não ser assim tão diferente da dele, Glogauer deixou de pensar no assunto ao fim de algum tempo.

João Baptista regressou certa tarde, ao anoitecer, transpondo os montes em grandes passadas, seguido por cerca de vinte discípulos. Glogauer viu-o enquanto se preparava para guiar as cabras de volta à caverna para passar a noite. Esperou que João se aproximasse.

O rosto do Baptista vinha carregado, mas a sua expressão suavizou-se ao ver Glogauer. Sorriu e apertou-lhe o antebraço à maneira dos romanos.

— Bom, Emanuel, és nosso amigo, tal como pensava. Mandado por Adonai para nos ajudar a fazer a Sua vontade. Baptizar-me ás pela manhã, para mostrar a todos que Ele está connosco.

Glogauer estava cansado. Tinha comido muito pouco e passado a maior parte do dia ao sol, a guardar as cabras. Bocejou, custando-lhe responder. Apesar disso, estava aliviado. João tinha estado em Jerusalém, a tentar descobrir se os romanos o tinham enviado como espião. João parecia agora tranquilizado e confiava nele.

Preocupava-o, porém, a fé do Baptista nos seus poderes.

— João — começou ele. — Não sou nenhum vidente...

O Baptista mostrou-se por momentos preocupado, ao que se riu constrangido.

— Não digas nada. Ceia comigo hoje à noite. Trago mel silvestre e gafanhotos.

Glogauer ainda não tinha provado desta comida, que era o alimento principal dos viajantes que não transportavam provisões, vivendo antes à custa do que iam encontrando pelo caminho. Havia quem a considerasse uma iguaria.

Provou-a mais tarde, quando se sentou em casa de João. Havia apenas duas divisões na casa. Uma para comer, a outra para dormir. O mel e os gafanhotos estavam muito doces para o seu gosto, mas eram uma mudança agradável da cevada e da carne de cabra.

Sentava-se de pernas cruzadas diante de João Baptista, que comia com grande apetite. Tinha caído a noite. Da rua vinham murmúrios baixos e os choros e gemidos dos que oravam.

Glogauer demolheu outro gafanhoto na tigela de mel que se encontrava entre eles.

— Fazes planos de guiar o povo da Judeia numa revolta contra os romanos? — perguntou.

O Baptista pareceu incomodado pela franqueza da pergunta. Era a primeira do género que Glogauer lhe fazia.

— Se Adonai quiser — disse ele, sem levantar os olhos ao debruçar -se sobre a tigela de mel.

— Os romanos sabem?

— Não sei, Emanuel, mas o incestuoso Herodes decerto já os avisou de que falo contra os ímprobos.

— E, apesar de tudo, os romanos não te prendem.

— Pilatos não se atreve—pelo menos desde que enviaram a petição ao imperador Tibério.

— A petição?

— Sim, a que Herodes e os fariseus assinaram quando o procurador Pilatos colocou escudos votivos no palácio em Jerusalém e tentou violar o Templo. Tibério censurou Pilatos, e embora continue a odiar os judeus, o procurador trata-nos com mais cuidado desde então.

— Diz-me, João, sabes há quanto tempo Tibério governa em Roma? — Nunca mais tivera a oportunidade de voltar a fazer a pergunta.

— Catorze anos.

Era o ano 28 depois de Cristo; a pouco menos de um ano de se dar a crucificação, e a máquina do tempo estava destruída.

João Baptista planeava agora uma revolta armada contra os ocupantes romanos, mas, a acreditar nos Evangelhos, não tardaria a ser decapitado por Herodes. Era certo que nenhuma sublevação em grande escala tinha ocorrido naquela época. Mesmo quem afirmava que a entrada de Jesus e dos seus discípulos em Jerusalém e a invasão do Templo eram os actos inconfundíveis de rebeldes armados não tinha encontrado registos que sugerissem uma revolta semelhante por parte de João.

Glogauer viera a simpatizar bastante com o Baptista. Tratava se obviamente de um revolucionário calejado, que há anos planeava

uma revolta contra os romanos e que aos poucos reunira apoiantes suficientes para coroar de êxito a tentativa. Fazia lembrar os líderes da resistência na Segunda Grande Guerra. Assemelhava-se lhes na firmeza e no entendimento das realidades da sua posição. Sabia que iria ter uma oportunidade apenas de esmagar as coortes aquarteladas no país. Se a revolta se prolongasse, Roma teria tempo suficiente para enviar mais tropas para Jerusalém. — E quando julgas tu que Adonai tenciona destruir os ímprobos por teu intermédio? — perguntou Glogauer com tacto.

João lançou-lhe um olhar de divertimento. Sorriu.

— A Páscoa é uma época em que as pessoas andam inquietas e mais se afrontam com forasteiros — disse.

— E quando é a próxima Páscoa?

— Ainda faltam muitos meses.

— Que posso fazer para ajudar?

— És mago.

— Não faço milagres.

João limpou o mel da barba.

— Não posso crer, Emanuel. A tua chegada foi um milagre. Os essénios ficaram sem saber se eras demónio ou mensageiro de Adonai.

— Nem uma coisa, nem outra.

— Por que me confundes, Emanuel? Eu sei que és o mensageiro de Adonai. És o sinal que os essénios procuravam. É quase hora. O reino dos céus não tardará a instalar-se na Terra. Vem comigo. Diz às pessoas que falas com a voz de Adonai. Faz grandes milagres.

— O teu poder está a diminuir, não está? — Glogauer lançou um olhar penetrante a João. — Precisas de mim para renovar a esperança dos teus rebeldes?

— Falas como se fosses romano, com tão pouca subtileza. — João levantou-se, enfurecido. Era evidente que, à semelhança dos essénios com quem vivia, preferia conversas menos francas. Havia uma razão prática para tal, apercebeu-se Glogauer, dado que João e os seus homens receavam traição a todo o momento. Até os registos dos essénios eram parcialmente escritos em cifra, com uma palavra

ou frase de aspecto inocente a significar uma coisa completamente distinta.

— Desculpa, João. Mas diz-me se estou certo — pediu Glogauer com brandura.

— Não és mago, vindo do nada naquele carro? — João gesticulava e encolhia os ombros. — Os homens viram-te! Viram o brilho formar-se no ar, e abrir-se para te deixar sair. Não é magia? A roupa que envergavas — seriam vestes terrenas? Os talismãs no interior do carro — não indicavam eles magia poderosa? O profeta disse que do Egipto chegaria um mago, e que se chamaria Emanuel. Assim vem no Livro de Miqueias! Será tudo isto mentira?

— Nem tudo. Mas há explicações... — calou-se, incapaz de se lembrar da palavra mais parecida com «racionais». — Sou um homem vulgar, como tu. Não tenho o poder de fazer milagres! Não passo de um homem!

João fez-se carrancudo.

— Quer isso dizer que não nos ajudas?

— Fico-te grato e aos essénios. Salvaste-me a vida, isso é quase certo. Se puder retribuir...

João anuiu estudadamente com a cabeça.

— Podes retribuir, Emanuel.

— Como?

— Sê o grande mago de que preciso. Deixa-me que te apresente a todos os que se tornaram impacientes e viraram costas à vontade de Adonai. Deixa-me que lhes conte como chegaste. Então poderás dizer que foi a vontade de Adonai e que se devem preparar para a fazer cumprir.

João olhou-o intensamente.

— Fazes isso, Emanuel?

— Faço-o por tua causa, João, E tu, mandas os homens buscar o meu carro o mais depressa possível? Queria ver se ainda o podia consertar.

— Assim farei.

Glogauer encheu-se de alegria. Começou a rir. O Baptista olhou-o com alguma perplexidade. Depois juntou-se a ele.

Glogauer continuou a rir. A História não fazia menção disso, mas ele, e João Baptista, estavam a preparar a vinda de Cristo.

Cristo ainda não tinha nascido. É possível que Glogauer o soubesse, um ano antes da crucificação.

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do unigénito do Pai, cheio de graça e verdade. João testificou Dele, e clamou, dizendo: Este era Aquele de Quem eu dizia: O que vem depois de mim é antes de mim, porque foi primeiro do que eu.

(S.João 1:14-15)

Até na altura em que conheceu Monica tiveram longas discussões. O pai ainda não tinha morrido nem deixado o dinheiro para ele comprar a Livraria do Oculto em Great Russell Street, diante do Museu Britânico. Fazia toda a espécie de trabalhos temporários e andava com a moral muito em baixo. Na altura, Monica parecera-lhe uma grande ajuda, uma excelente guia pela escuridão mental que o tragava. Viviam ambos perto de Holland Park e iam lá passear quase todos os domingos no Verão de 1962. Aos vinte e dois anos, já andava obcecado com o estranho misticismo cristão de Jung. Ela, que desprezava Jung, cedo começou a denegrir-lhe as idéias. Nunca chegou realmente a convencê-lo, mas, ao fim de algum tempo, tinha conseguido confundi-lo. Passar-se-iam mais seis meses até irem juntos para a cama.

Estava um calor desagradável.

Sentavam-se à sombra da cafetaria, enquanto assistiam de longe a uma partida de críquete. Mais perto deles, duas raparigas e um rapaz sentavam-se na relva, a beber sumo de laranja de copos de plástico. Uma das raparigas, que tinha uma guitarra ao colo, pousou o copo e começou a tocar uma canção popular, cantando numa voz aguda e suave. Glogauer tentou escutar a letra. Enquanto estudante, sempre apreciara canções populares tradicionais.

— O Cristianismo morreu — Monica bebericou o chá. — A religião está a morrer. Deus foi morto em 1945.

— Pode ser que ainda se dê uma ressurreição — disse ele.

— Espero bem que não. A religião é a criação do medo. O conhecimento destrói o medo. Sem medo, a religião não pode sobreviver.

— E achas que não há medo hoje em dia?

— Não do mesmo género, Karl.

— Nunca pensaste na *idéia* de Cristo? — perguntou-lhe ele, dando novo rumo à conversa. — O que isso significa para os cristãos?

— O mesmo que a *idéia* do tractor significa para um marxista — respondeu ela.

— Mas o que surgiu primeiro? A *idéia* ou a realidade de Cristo? Ela encolheu os ombros.

— A realidade, se é que importa. Jesus foi um desordeiro judeu que organizou uma revolta contra os romanos. Acabou crucificado em vão. É tudo o que sabemos e tudo o que precisamos de saber.

— Precisamente o que quero dizer, Monica. — Gesticulou e ela afastou-se ligeiramente. — A *idéia* precedeu a *realidade* de Cristo.

— Oh, Karl, não insistas. A realidade de *Jesus* precedeu a *idéia* de *Cristo*.

Um casal passou por eles, e olhou-os de relance para os ver discutir.

Monica reparou e calou-se. Levantou-se e ele também, mas ela abanou a cabeça negativamente.

— Vou para casa, Karl. Tu, fica. A gente vê-se daqui a uns dias.

Ficou a vê-la descer o caminho largo em direcção aos portões do parque.

No dia seguinte, quando chegou a casa do trabalho, deu com uma carta dela. Devia tê-la escrito assim que o deixou e enviado no próprio dia.

Querido Karl,

Conversar parece não ter grande efeito em ti, sabes. É como se escutasses apenas o tom de voz, o ritmo das palavras, sem nunca ouvires o que se está a tentar comunicar. É um pouco como um animal sensível que não entende o que lhe dizem, mas que é capaz de perceber se a pessoa está contente ou zangada e por aí fora. E

por isso que te escrevo — para tentar passar a minha idéia. Respondeste deforma demasiado emocional sempre que estamos juntos.

Cometes o erro de pensar que o cristianismo foi coisa que se desenvolveu ao longo de poucos anos, da morte de Jesus à altura em que foram escritos os Evangelhos. Mas o cristianismo não era novidade nenhuma. Só o nome era novo. O cristianismo foi apenas um estádio na metamorfose do encontro e dos intercâmbios entre a lógica do Ocidente e o misticismo oriental. Repara como a própria religião se foi modificando ao longo dos séculos, reinterpretando-se para ir de encontro aos tempos em mudança. Cristianismo não foi mais do que um nome novo dado à conglomeração de antigos mitos e filosofias. Tudo o que os Evangelhos fazem é recontar o mito do sol e truncar idéias dos gregos e dos romanos. Já no século II havia sábios judeus a denunciar a trapalhada que aquilo era! Chamavam a atenção para as nítidas semelhanças entre os mitos solares e o mito cristão. Não aconteceram milagres — esses foram inventados mais tarde, emprestados daqui e dali.

Lembras-te dos vitorianos que diziam que Platão era na verdade cristão por ter antecipado esse tipo de pensamento? Pensamento cristão! O cristianismo foi um veículo para idéias que circulavam séculos antes de Cristo. Seria Marco Aurélio cristão? Escrevia na tradição directa da filosofia ocidental. Daí o cristianismo ter pegado na Europa, mas não no Oriente! Com os teus preconceitos, devias era ter ido para teólogo e não para psiquiatra. E o teu amigo Jung também.

Vê se tiras todo este disparate mórbido da cabeça e trabalharás muito melhor.

A tua, Monica

Amarfanhou a carta e atirou-a fora. Nessa noite, ainda se sentiu tentado a lê-la outra vez, mas resistiu à tentação.

III

João estava no rio com água pela cintura. A maior parte dos essénios encontrava-se nas margens, a observá-lo. Glogauer olhou-o do alto.

— Não posso, João. Não me compete.

O Baptista resmoneou.

— Tens.

Glogauer arrepiou-se ao vadear o rio até junto do Baptista. Sentiu-se tonto. Ficou a tiritar, incapaz de se mexer.

Escorregou nas pedras do rio e João esticou-se para lhe agarrar o braço, segurando-o.

No céu limpo, o sol encontrava-se no zénite, e batia-lhe na cabeça desprotegida.

— Emanuel! — clamou João subitamente. — O espírito de Adonai está contigo!

Glogauer continuou a ter dificuldade em falar. Abanou ao de leve a cabeça. Doía-lhe e mal conseguia ver. Estava a ter o primeiro ataque de enxaquecas desde que chegara. Queria vomitar. A voz de João parecia distante.

Oscilou na água.

Assim que começou a cair na direcção do Baptista, toda a cena em redor tremeluziu. Sentiu João agarrá-lo e ouviu-se a si próprio dizer em desespero:

— João, baptiza-me!

Ao que a boca e a garganta se encheram de água e ele começou a tossir.

A voz de João clamava. Quaisquer que tenham sido as palavras, auferiram resposta de ambas as margens. O estrondear nos seus ouvidos intensificou-se, mudando de qualidade. Agitou-se violentamente na água, e sentiu então levantarem-no.

Os essénios curvavam-se em uníssono, com todos os rostos erguidos na direcção do sol ofuscante.

Glogauer começou a vomitar na água, cambaleando enquanto João lhe segurava os braços a custo e o conduzia para a margem.

Um peculiar murmúrio rítmico surgiu das bocas dos essénios enquanto se curvavam; intensificando-se quando pendiam para um lado, diminuindo quando pendiam para o outro.

Glogauer tapou os ouvidos mal João o largou. Continuava com vómitos, mas eram secos agora, e piores do que anteriormente.

Começou a cambalar para longe, quase perdendo o equilíbrio, fugindo, ainda a tapar os ouvidos; fugindo pelo mato pedregoso; fugindo com o sol a latejar no céu e o calor a bater-lhe na cabeça; fugindo.

Mas João opunha-se-Lhe, dizendo: Eu careço de ser baptizado por Ti, e vens Tu a mim? E Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu. E sendo Jesus baptizado, saiu logo da água, e eis que se Lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba, e vindo sobre Ele.

E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o Meu Filho amado, em Quem Me comprazo.

(S.Mateus 3:14-17)

Tinha quinze anos, e dava-se bem no liceu. Tinha lido nos jornais que grupos de Teddy Boys vagueavam pelo sul de Londres, mas o estranho rapaz que vira com roupas pseudo-eduardianas tinha lhe parecido suficientemente estúpido e inofensivo.

Tinha ido ver um filme a Brixton Hill e decidira voltar a pé para a sua casa em Streatham porque gastara o dinheiro do autocarro num gelado. Saíram do cinema ao mesmo tempo. Mal reparou neles quando o seguiram pela mesma colina abaixo.

Então, muito subitamente, tinham-no cercado. Rapazes pálidos, com caras de mau, a maior parte um ano ou dois mais velhos. Apercebeu-se de que conhecia vagamente dois deles. Frequentavam

a escola grande na mesma rua do liceu. Partilhavam o campo de futebol.

— Olá — disse ele, indeciso.

— Olá, filho — disse o Teddy Boy mais velho. Mascava pastilha elástica, com um joelho flectido, e sorria. — Então onde é que vais?

— Para casa.

— Pracasa — disse o maior, imitando-lhe a pronúncia. — E depois?

— Depois vou dormir. — Karl tentou esgueirar-se pelo círculo, mas não o deixaram. Encostaram-no à entrada de uma loja. Atrás deles, passavam os carros indolentes na estrada principal. A rua estava bem iluminada, com os candeeiros e o néon das lojas. Passaram várias pessoas, mas nenhuma parou. Karl começou a entrar em pânico.

— Não há trabalhos de casa para fazer, filho? — disse o rapaz junto ao líder. Tinha cabelo ruivo e sardas, e duros olhos cinzentos.

— Queres lutar com um de nós? — perguntou outro rapaz. Era um dos que conhecia.

— Não, que eu não luto. Deixem-me ir embora.

— Estás com medo, filho? — perguntou o líder, sorridente. Com grande aparato, puxou um fio de pastilha elástica da boca e recolocou-o. Recomeçou a mastigar.

— Não. Por que havia eu de querer lutar convosco?

— Achas-te melhor do que a gente, achas, filho?

— Não. — Começava a tremer. Vieram-lhe lágrimas aos olhos. — Claro que não.

— Claro que não, filho.

Voltou a lançar-se em frente, mas eles empurraram-no contra a entrada.

— Tu é que és o gajo com nome de boche, né? — disse o outro rapaz que ele conhecia. — Gorgulho ou lá o que é.

— Glogauer. Larguem-me.

— A tua mamã não gosta que chegues tarde?

— Mais parece nome de judeu.

— És judeu, filho?

— Parece judeu.

— És judeu, filho?

— És algum puto judeu, filho?

— És judeu, filho?

— Calem-se! — gritou Karl. Lançou-se a eles. Um esmurrou -o na barriga. Karl gemeu de dor. Outro empurrou-o, deixando-o a cambalear.

As pessoas, cheias de pressa, continuavam a cruzar-se com eles no passeio. Olhavam o grupo de relance ao passar. Um homem chegou a parar, mas a mulher obrigou-o a seguir caminho.

— São só os miúdos na brincadeira — foi o que disse.

— Puxa-lhe as calças para baixo — sugeriu um dos rapazes, a rir.

— Confirma-se já.

Karl tentou passar por eles e desta vez não lhe resistiram.

Desatou a correr colina abaixo.

— A gente dá-lhe um avanço — ouviu um dos rapazes dizer.

Não parou.

Começaram a segui-lo, sempre a rir.

Ainda não o tinham alcançado quando entrou na avenida em que vivia. Chegou a casa e correu pela passagem escura que se abria ao lado. Escancarou a porta das traseiras. Na cozinha estava a madraستا.

— Que é que te aconteceu? — perguntou ela.

Era uma mulher alta e magra; nervosa e histérica. Tinha o cabelo negro em desalinho.

Passou por ela e entrou na sala de jantar.

— Que se passa, Karl? — chamou. Tinha uma voz aguda.

— Nada — disse ele.

Não queria uma cena.

Estava frio quando acordou. A luz zodiacal era parda e ele não conseguia ver nada a não ser baldios em todas as direcções. Não se recordava de quase nada acerca do dia anterior, excepto que tinha corrido muito.

O relento acumulara-se-lhe na tanga. Molhou os lábios e esfregou a cara com a pele. Como sempre depois de um ataque de enxaquecas, sentia-se fraco e completamente esgotado. Passando os olhos pelo corpo nu, reparou quão magro tinha ficado. A vida com os essénios era a razão, claro.

Teve curiosidade era saber porque entrara ele em pânico quando João lhe pedira para o baptizar. Seria apenas honestidade — algo que o impedia de enganar os essénios, fazendo-os crer que ele se tratava de uma espécie de profeta? Era difícil saber.

Agasalhou as ancas com a tanga e deu-lhe um nó apertado acima da coxa esquerda. Calculou que o melhor seria tentar regressar ao acampamento e procurar João para lhe pedir desculpas, ver se podia remediar a situação.

A máquina do tempo já lá estava, também. Tinham-na arrastado até lá, usando apenas cordas de couro cru.

Se conseguisse encontrar um bom ferreiro, ou qualquer outro artesão do metal, tinha ainda hipótese de a conseguir reparar. A viagem de regresso seria perigosa.

Interrogou-se se deveria regressar de imediato, ou tentar antes mudar-se para uma altura mais próxima da crucificação. Não fora ao passado de propósito para assistir à crucificação, mas para ficar com uma ideia de Jerusalém durante a Festa da Páscoa, quando Jesus teria presumivelmente visitado a cidade. Monica tinha sido da opinião que Jesus tomara a cidade de assalto com um grupo armado. Referira que todas as provas apontavam nesse sentido. Certas provas apontavam de facto nesse sentido, mas ele não fora capaz de as aceitar. Estava convencido de que tinha de haver mais. Se ao menos pudesse conhecer Jesus. Pelos vistos, João nunca tinha ouvido falar dele, embora tivesse dito a Glogauer que, de acordo com a profecia, o Messias seria nazareno. Tinham muitas profecias, muitas das quais incompatíveis.

Começou a caminhar na direcção do acampamento essénio. Não se devia ter afastado tanto. Logo reconheceria os montes onde tinham as suas cavernas.

Não tardou a ficar muito calor e o chão a tornar-se mais árido. O ar à sua frente tremia. A exaustão com que tinha

acordado intensificou-se. Tinha a boca seca e as pernas fracas. Tinha fome e nada para comer. Nem sinal dos montes onde os essénios tinham o acampamento.

Viu um monte, três quilómetros para sul. Resolveu dirigir-se para lá. Era possível que daí fosse capaz de se orientar, e quiçá até avistar uma povoação onde lhe dessem de comer.

O solo arenoso convertia-se em poeira flutuante à sua volta sempre que os pés o agitavam. Uns quantos arbustos primitivos agarravam-se com firmeza ao chão e rochas salientes faziam-no tropeçar.

Estava coberto de sangue e nódoas negras quando começou, penosamente, a trepar pela encosta do monte.

A viagem até ao cume (mais distante do que a princípio julgara) foi difícil. Escorregava nas pedras soltas da encosta, caindo de cabeça, segurando-se com mãos e pés feridos para se impedir de escorregar até ao fundo, agarrando-se a tufos de erva e líquenes que cresciam aqui e ali, abraçando afloramentos rochosos maiores sempre que podia, descansando com frequência, corpo e mente tolhidos pela dor e pela fadiga.

Transpirava debaixo do sol. A poeira pegava-se à humidade do corpo seminu, cobrindo-o dos pés à cabeça. Tinha a pele de cabra em farrapos.

O mundo árido dava-lhe a impressão de andar à roda, misturando-se o céu com a terra, a rocha amarela com as nuvens brancas. Nada parecia quieto.

Alcançou o cume e prostrou-se no chão, ofegante. Tudo se tornara irreal.

Ouviu a voz de Monica, pensou avistá-la por momentos pelo canto do olho.

Não sejas melodramático, Karl...

Dissera-o muitas vezes. Respondia-lhe agora a voz dele.

Nasci fora do meu tempo, Monica. Não há lugar para mim nesta idade da razão. Vai acabar por me matar.

Respondeu-lhe a voz dela.

A culpa e o medo e o teu masoquismo. Podias ser um psiquiatra brilhante, mas cedeste por completo às tuas neuroses...

— Cala-te!

Rebolou para se deitar de costas. O sol fulminava o seu corpo maltratado.

— Cala-te!

A síndrome cristã toda, Karl. Não tarda convertes-te ao catolicismo, não tenho dúvidas. Onde está a tua força de vontade?

— Cala-te! Vai-te embora, Monica.

O medo dá forma aos teus pensamentos. Não procuras uma alma ou mesmo um significado para a vida. O que procuras é consolo.

— Deixa-me em paz, Monica!

Tapou os ouvidos com as mãos sujas. O cabelo e a barba estavam emaranhados e cheios de pó. O sangue tinha coagulado nas feridas menores que estavam agora por todo o corpo. Ao alto, o sol parecia vibrar em unísono com o seu coração.

Estás cada vez pior, Karl, não vês? Cada vez pior. Compõe-te. Não és de todo incapaz de pensar racionalmente...

— Oh, Monica! Cala-te!

Tinha a voz áspera e rachada. Uns quantos corvos descreviam círculos no céu por cima dele. Ouviu-os responder com uma voz não muito diferente da sua.

Deus morreu em 1945...

— Não estamos em 1945 — estamos no ano 28 d.C. Deus está vivo!

Que interesse pode ter para ti uma óbvia religião sincretística como o cristianismo — judaísmo rabínico, ética estoica, mistérios gregos, rituais do Oriente...

— Não importa!

Não importa para ti, nesse teu estado de espírito.

— Preciso de Deus!

É ao que tudo se resume, não é? Tudo bem, Karl, faz lá as tuas muletas. Mas pensa no que poderias ter sido se tivesses chegado a acordo contigo mesmo...

Glogauer ergueu o corpo destroçado, pondo-se de pé no cume do monte, e gritou.

Os corvos sobressaltaram-se. Deram voltas no céu e voaram para longe.

O céu escurecia agora.

Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo Diabo. E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome.
(S. Mateus 4:1-2)

IV

O louco surgiu na cidade aos bordos. Os pés rojavam o chão, fazendo dançar a poeira, e os cães ladravam à sua volta enquanto avançava mecanicamente, de cabeça erguida para encarar o sol, braços caídos, lábios em movimento.

Para os habitantes da cidade, as palavras escutadas encontravam-se num idioma familiar, mas eram proferidas com tal intensidade e convicção que Deus bem podia estar a servir-se desta criatura despida e emaciada para porta-voz.

Perguntaram-se de onde teria surgido este louco.

A cidade branca compunha-se principalmente de casas de pedra e tijolo de barro com um ou dois andares, construídas em redor de um mercado defronte de uma vetusta e humilde sinagoga, à porta da qual se sentavam os velhos a conversar, envergando vestes negras. Era uma cidade próspera e limpa que vingava com o comércio romano. Viam-se apenas um ou dois pedintes na rua, e mesmo estes estavam bem alimentados. As ruas seguiam os altos e baixos da encosta onde haviam sido construídas. Eram ruas sinuosas, pacatas e abrigadas; ruas de província. Por todo o lado, pairava no ar o cheiro a madeira acabada de cortar e os sons de carpintaria, uma vez que a cidade era famosa pelos seus hábeis carpinteiros. Situava-se na orla da planície de Jezreel, junto à rota entre Damasco e o Egipto, e daí estavam sempre a partir carroças, carregadas com o trabalho dos artesãos. A cidade era Nazaré.

O louco encontrara-a perguntando a todos os viajantes que tinha visto onde era. Passara por muitas outras vilas—Filadélfia, Gerasa, Pella e Citópolis, seguindo pelas estradas romanas—sempre a fazer a mesma pergunta com o seu sotaque estrangeiro:

— Onde fica Nazaré?

Houve quem lhe tivesse dado de comer pelo caminho. Houve quem lhe tivesse pedido uma bênção, ao que ele impôs as mãos, falando naquela língua estranha. Houve quem lhe tivesse arremessado pedras para o afastar.

Tinha atravessado o Jordão pelo viaduto romano e continuado para norte em direcção a Nazaré.

Não tivera dificuldade nenhuma em dar com a cidade, mas fora-lhe difícil obrigar-se a lá ir. Tinha perdido grande quantidade de sangue e comido muito pouco na viagem. Continuará a caminhar até cair prostrado e assim permanecer até encontrar forças para prosseguir, ou, como vinha acontecendo com maior frequência, até alguém o encontrar e lhe dar um pouco de pão ou vinho amargo para o reanimar.

Certa vez, pararam uns legionários romanos que, com brusca benevolência, lhe perguntaram se tinha parentes a quem o pudessem levar. Dirigiram-se-lhe num aramaico de trapos e ficaram surpreendidos quando ele lhes respondeu, com estranho sotaque, num latim mais puro do que a língua que os próprios falavam.

Perguntaram-lhe se era rabino ou sábio. Ele disse-lhes que não era nem uma coisa nem outra. O oficial dos legionários ofereceu-lhe carne seca e vinho. Os homens faziam parte de uma patrulha que por ali passava uma vez por mês. Eram baixos e bronzeados, de rosto severo e barba bem feita. Envergavam saiotas de couro sujos, couraças e sandálias, e tinham capacetes de ferro na cabeça, e gládios embainhados à cintura. Rodeando-o à luz crepuscular, não pareciam sossegados. O oficial, cuja voz era mais branda do que a dos seus homens, mas em tudo o resto igual à excepção da couraça metálica e capa comprida, perguntou ao louco como se chamava.

Por instantes, o louco hesitara, abrindo e fechando a boca, como se não se conseguisse lembrar do nome.

— Karl — disse por fim, incerto. Era mais uma sugestão do que uma afirmação.

— Parece quase um nome romano — disse um dos legionários.

— És cidadão? — perguntou o oficial.

Mas a mente do louco delirava, era evidente. Desviou o olhar, resmungando para consigo.

Subitamente, voltou a olhá-los e perguntou:

— Nazaré?

— Por ali. — O oficial apontou a estrada que sulcava os montes.

— És judeu?

Isto pareceu assustar o louco. De um salto, tentou esgueirar se pelos soldados. Rindo, deixaram-no passar. Era um louco inofensivo.

Ficaram a vê-lo correr estrada abaixo.

— Quiçá um dos seus profetas — disse o oficial, caminhando para o cavalo. O país estava cheio deles. Homem sim homem não que encontravam declarava estar a espalhar a mensagem do seu deus. Não armavam grandes confusões e a religião parecia distraí los da revolta. Devíamos estar agradecidos, pensou o oficial.

Os homens continuavam a rir.

Começaram a marchar pela estrada na direcção oposta à que o louco tinha tomado.

Estava agora em Nazaré, o louco, e as gentes da cidade olharam-no, curiosas e algo desconfiadas, quando ele se adentrou no mercado a cambalear. Talvez fosse um profeta nómada ou talvez estivesse possuído por demónios. Era muitas vezes difícil distinguir. Os rabinos saberiam.

Ao passar pelos magotes de gente junto às tendas dos mercadores, estes calavam-se até ele se afastar. As mulheres, corpulentas, embrulhavam-se nos seus pesados xailes de lã e os homens aconchegavam as vestes de algodão para que ele não lhes tocasse. Normalmente, o instinto levá-los-ia a acusá-lo dos seus afazeres na cidade, mas havia uma intensidade naquele olhar, uma vivacidade e vitalidade naquele semblante, que os fez tratá-lo com respeito e afastarem-se.

Chegado ao centro do mercado, parou e olhou em volta. Pareceu levar tempo a reparar nas pessoas. Pestanejou e molhou os lábios.

Passou uma mulher, que o olhou com desconfiança. Ele dirigiu-se-lhe, com voz meiga, e palavras cuidadosamente treinadas.

— Nazaré é aqui?

— É — anuiu ela e acelerou o passo.

Um homem atravessava a praça. Envergava um manto de lã às riscas vermelhas e castanhas. Usava um solidéu vermelho sobre o cabelo preto e encaracolado. A cara era rechonchuda e jovial. O louco atravessou-se no caminho do homem e deteve-o.

— Procuo um carpinteiro.

— Há muitos carpinteiros em Nazaré. A cidade é famosa pelos seus carpinteiros. Eu próprio sou carpinteiro. Posso ajudar-te? — A voz do homem era bem-humorada, condescendente.

— Conheces algum carpinteiro chamado José? Descendente de David. Tem uma mulher chamada Maria e vários filhos. Um deles chama-se Jesus.

O homem bem-disposto contraiu o rosto numa careta sisuda e coçou atrás do pescoço.

— Conheço mais de um José. Há um desgraçado na rua acolá. — Apontou. — Tem uma mulher que se chama Maria. Experimenta aí. Encontra-lo depressa. Procura o homem que nunca ri.

O louco olhou na direcção que o homem lhe apontara. Mal viu a rua, pareceu esquecer-se de tudo e para lá se dirigiu a passos largos.

Na rua estreita em que entrou, o cheiro a madeira cortada era ainda mais forte. Tinha serradura pelos tornozelos. De todos os edifícios vinha o estrondear dos martelos, o arranhar das serras. Havia tábuas de todos os tamanhos encostadas às paredes pálidas e abrigadas das casas e muito pouco espaço para passar entre elas. Muitos dos carpinteiros tinham banquinhos à entrada. Havia máquinas de entalhar, accionando tornos primitivos, transformando a madeira em todas as formas possíveis de se imaginar. Levantaram o olhar quando o louco entrou pela rua e abordou um velho carpinteiro com um avental de couro que se sentava no seu banco a trabalhar uma estatueta. O homem tinha cabelo grisalho e parecia míope. Mirou o louco com olhos piscos.

— Que queres?

Procuo um carpinteiro chamado José. Tem uma mulher — Maria.

O velho gesticulou com a mão que segurava a estatueta inacabada,

— Duas casas em frente, do outro lado da rua.

A casa a que o louco chegou tinha poucas tábuas encostadas à parede, e a qualidade da madeira parecia mais pobre do que a restante que tinha visto. O assento à entrada estava empenado num dos lados e o homem de costas arqueadas aí sentado a remendar um banquinho parecia igualmente disforme. Endireitou-se quando o louco lhe tocou no ombro. Tinha a cara cheia de rugas e descaída da miséria. Os olhos estavam cansados e a barba rala tinha vestígios prematuros de grisalho. Tossiu ao de leve, quiçá surpreso por o terem incomodado.

— És José? — perguntou o louco.

— Não tenho dinheiro.

— Não quero nada—só fazer algumas perguntas.

— Sou José. Que queres saber?

— Tens algum filho?

— Tenho vários, e filhas também.

— A tua mulher, chama-se Maria? És da linhagem de David.

O homem acenou com a mão, impaciente.

— Sim, não que me tenham valido de muito, qualquer das duas...

— Desejo encontrar-me com um dos teus filhos. Jesus. Podes dizer-me onde está?

— Esse imprestável. Que fez ele agora?

— Onde está ele?

Os olhos de José tornaram-se mais calculistas ao observarem o louco.

— És algum vidente? Vieste curar o meu filho?

— Sou uma espécie de profeta. Consigo predizer o futuro.

José ergueu-se com um suspiro.

— Podes vê-lo. Anda. — Conduziu o louco pelo portão ao quintal apertado da casa. Estava atravancado com pedaços de madeira,

mobília e ferramentas partidas, sacas de aparas putrefactas. Entraram na casa escura. Na primeira divisão — obviamente uma cozinha — estava uma mulher junto a um grande forno de barro. Era alta e barriguda. O longo cabelo negro estava solto e oleoso, tombando sobre grandes olhos lustrosos que traziam ainda o calor da sensualidade. Olhou o louco de alto a baixo.

— Não há comer para os pedintes — resmungou.

— Ele já come que chegue. — Fez sinal com a colher de pau na direcção de uma pequena figura sentada nas sombras a um canto. A figura mexeu-se quando ela falou.

— Ele vem à procura do nosso Jesus — disse José à mulher. — Talvez venha para nos aliviar este fardo.

A mulher olhou de lado para o louco e encolheu os ombros. Passou a língua grossa pelos lábios vermelhos.

— Jesus!

A figura ao canto levantou-se.

— Aí o tens — disse a mulher com alguma satisfação.

A figura era disforme. Tinha uma corcunda acentuada e estrabismo no olho esquerdo. O rosto era inexpressivo e apatetado. Tinha um pouco de baba nos lábios. Dava risadinhas quando lhe repetiam o nome. Avançou com passos incertos.

— Jesus — disse. A palavra era arrastada e indistinta. — Jesus.

— É tudo o que sabe dizer. — A mulher sorriu com desprezo. — Sempre foi assim.

— Foi o castigo de Deus — disse José amargamente.

— Que se passa com ele? — Havia uma nota patética e desesperada na voz do louco.

Sempre foi assim. — A mulher voltou-se novamente para o forno. — Se quiseres, fica com ele. É aleijado por dentro e por fora. Estava prenha dele quando os meus pais me casaram com esse homenzinho...

— Sua desavergonhada — José deteve-se assim que a mulher o olhou, irada. Voltou-se então para o louco.

— Que queres com o nosso filho?

— Queria falar com ele. Eu...

— Não é nenhum oráculo — nenhum vidente — chegámos a pensar que fosse. Ainda há gente em Nazaré que vem cá para que ele os cure ou lhes diga a sina, mas ele só se ri e repete o nome vezes e vezes sem conta...

— Têm — a certeza — de que não — há nada nele — em que não tenham reparado?

— Então não! — bufou Maria sardonicamente. — O dinheiro já nos faz falta como é. Se ele tivesse poderes mágicos, sabíamos.

Jesus voltou a dar risadinhas e foi a coxear para outra divisão.

— Não pode ser — murmurou o louco. Podia a História ter mudado? Estaria ele numa outra dimensão em que Cristo nunca existira?

José pareceu notar a expressão agonizante no olhar do louco.

— O que foi? — perguntou. — Que vês? Disseste que predizias o futuro. Dizes-nos como vamos passar?

— *Agora* não — disse o profeta, voltando costas. — *Agora* não.

Correu da casa e pela rua com o seu cheiro a carvalho, cedro e cipreste aplainado. Correu de volta ao mercado e estacou, olhando, desvairado, em redor. Viu a sinagoga mesmo em frente. Dirigiu-se para lá.

O homem com que tinha falado antes continuava no mercado, a comprar tachos para dar à filha como presente de casamento. Acenou com a cabeça na direcção do estranho que entrava na sinagoga.

— É parente do carpinteiro José — disse ao homem que estava ao lado. — Profeta, não me admiraria nada.

O louco, o profeta, Karl Glogauer, o viajante no tempo, o neurótico psiquiatra frustrado, o homem em busca de significado, o masoquista, o suicida, o homem do complexo messiânico, o anacronismo, avançou, ofegante, sinagoga dentro. Tinha visto o homem que procurara. Tinha visto Jesus, o filho de José e de Maria. Tinha visto um homem que reconhecera sem sombra de dúvidas como um imbecil congénito.

— Todos os homens têm um complexo de messias, Karl — tinha-lhe dito Monica.

As recordações eram agora menos completas. As suas noções de tempo e de identidade confundiam-se.

— Havia dúzias de messias na Galileia naquela época. Que tenha sido Jesus a carregar o mito e a filosofia foi uma coincidência histórica...

— Não pode ter sido só isso, Monica.

Todas as terças-feiras, na sala por cima da Livraria do Oculto, o clube de debate junguiano encontrava-se para levar a cabo sessões de análise e terapia de grupo. Não tinha sido Glogauer a organizar o grupo, mas de bom grado cedera as instalações e juntara-se-lhe com entusiasmo. Era um grande alívio, falar com gente da mesma opinião uma vez por semana. Um dos motivos que o levava a comprar a Livraria do Oculto tinha sido o de poder vir a encontrar pessoas interessantes como as que frequentavam o grupo de debate junguiano.

A obsessão por Jung congregara-os, mas cada qual tinha as suas obsessões particulares. A Sra. Rita Blenn traçava rotas de discos voadores, embora não fosse claro se acreditava neles ou não. Hugh Joyce acreditava que todos os arquétipos junguianos eram derivados da raça original da Atlântida que havia perecido milénios antes. Alan Cheddar, o mais novo do grupo, interessava-se por misticismo indiano, e Sandra Peterson, a organizadora, era grande especialista em bruxaria. James Headington estava interessado no tempo. Era o orgulho do grupo; Sir James Headington, inventor do tempo da guerra, muito rico e com todo o tipo de condecorações pela sua contribuição para a vitória aliada. Tivera a reputação de grande improvisador durante a guerra, mas depois tornara-se numa vergonha para o Ministério da Guerra. Era maluco, pensavam eles, e pior, exibia a maluquice em público.

De quando em quando, Sir James falava da sua máquina do tempo aos demais elementos do grupo. Estes não o contrariavam. A maior parte prestava-se a exagerar as experiências relacionadas com os seus diferentes interesses.

Certa terça-feira à noite, depois de todos terem saído, Headington contou a Glogauer que a sua máquina do tempo estava pronta.

— Não acredito — disse Glogauer, sem mentir.

— É o primeiro a quem eu conto.

— Porquê eu?

— Não sei. Simpatizo consigo — e com a loja.

— Não contou nada ao governo.

Headington rira-se por entre dentes.

— Contar para quê? Pelo menos não até a testar completamente. Bem feita para eles, não me tivessem posto na gaveta.

— Não sabe se funciona?

— Estou certo que sim. Quer vê-la?

— Uma máquina do tempo. — Glogauer esboçou um sorriso débil.

— Venha daí vê-la.

— Porquê eu?

— Pensei que lhe interessasse. Sei que não defende a visão ortodoxa da ciência...

Glogauer teve pena dele.

— Venha daí vê-la — disse Headington.

No dia seguinte, foi a Banbury. No mesmo dia, deixou 1976 e chegou a 28 d.C.

A sinagoga era fresca e sossegada, com um subtil aroma de incenso. Os rabinos conduziram-no ao pátio. À semelhança das pessoas da cidade, não sabiam o que pensar dele, mas estavam certos de que não era um demónio que o tinha possuído. Era costume darem abrigo aos profetas vagabundos que se viam por toda a Galileia, embora este fosse mais estranho do que os

restantes. Tinha o rosto imóvel e o corpo hirto, e escorriam-lhe lágrimas pelas faces sujas. Nunca antes tinham visto tanta agonia no olhar de um homem.

— A ciência pode explicar como, mas nunca pergunta porquê — dissera ele a Monica. — Não pode responder.

— Quem é que quer saber? — respondera ela.

— Eu Bom, mas tu nunca vais descobrir, ou vais?

— Senta-te, meu filho — disse o rabino. — Que pretendes de nós?

— Onde está o Cristo? — perguntou ele. — Onde está o Cristo? Não lhe entendiam o idioma.

— Será grego? — perguntou um, mas outro houve que abanou negativamente com a cabeça.

Kyrios: O Senhor.

Adonai: O Senhor.

Onde estava o Senhor?

Franziu as sobrancelhas, olhando inexpressivamente em volta.

— Preciso de descansar — proferiu na língua deles.

— És de onde?

Não foi capaz de pensar numa resposta.

— És de onde? — repetiu um rabino.

— *Ha-Olam Hab-Bá*... — murmurou por fim.

Os rabinos entreolharam-se.

— *Ha-Olam Hab-Bá* — repetiram.

Ha-Olam Hab-Bá; Ha-Olam Haz-Bé: O mundo vindouro e o mundo que é.

— Trazes-nos uma mensagem? — perguntou um dos rabinos. Estavam acostumados a profetas, é certo, mas nenhum como este.

— Uma mensagem?

— Não sei — disse o profeta em voz rouca. — Preciso de descansar. Tenho fome.

— Vem. Dar-te-emos comida e um sítio para dormir.

Conseguiu comer apenas um pouco da farta refeição, e a cama com o colchão de palha era demasiado macia. Não estava habituado.

Dormiu mal, e gritou durante o sono, enquanto que, à porta do quarto, os rabinos puseram-se à escuta, mas sem conseguirem perceber muito do que dizia.

Karl Glogauer permaneceu várias semanas na sinagoga. Passou a maior parte do tempo a ler na biblioteca, procurando, nos longos rolos de pergaminho, uma resposta ao seu dilema. As palavras dos Testamentos, em muitos casos passíveis de uma dúzia de interpretações, acabavam por o confundir ainda mais. Não tinha nada a que se agarrar, nada que o informasse do que tinha corrido mal.

Na sua maioria, os rabinos mantiveram-se à distância. Tinham-no acolhido como homem santo. Estavam orgulhosos de o ter na sinagoga. Estavam certos de que era especial, um dos escolhidos por Deus, e aguardavam pacientemente que ele lhes viesse falar.

Mas o profeta era de poucas falas, limitando-se a resmungar consigo mesmo em fragmentos da sua língua e fragmentos de uma outra, incompreensível, que usava com frequência, mesmo quando se lhes dirigia.

Em Nazaré, o povo mal falava de outra coisa a não ser do misterioso profeta na sinagoga, mas os rabinos recusavam-se a dar resposta às perguntas. Diziam às pessoas para irem às suas vidas,

que havia coisas que não lhes competia ainda saber. Desta maneira, e à semelhança do que sempre haviam feito os sacerdotes, evitavam as perguntas às quais não sabiam responder, ao mesmo tempo que aparentavam ter muito mais conhecimento do que na realidade possuíam.

Então, num sábado, o profeta apareceu na parte pública da sinagoga e sentou-se com os outros que tinham vindo para orar.

O homem que lia do pergaminho à sua esquerda atrapalhou-se quando vislumbrou o profeta pelo canto do olho.

O profeta permaneceu sentado a ouvir, com uma expressão distante no rosto.

O ministro fitou-o, incerto, ao que fez sinal para que passassem o rolo de pergaminho ao profeta. Assim o fez, hesitante, um rapaz, que colocou o pergaminho nas mãos do profeta.

O profeta ficou muito tempo a observar as palavras e só então começou a leitura. O profeta leu sem primeiro compreender o que lia. Era o livro de Isaías.

O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados do coração, A apregoar liberdade aos cativos e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos; a anunciar o ano aceitável do Senhor. E, cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-Se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos n'Ele.

(S. Lucas 4:18-20)

V

Seguiam-no agora, enquanto se afastava de Nazaré em direcção ao Lago da Galileia. Envergava uma túnica de linho branco que lhe tinham dado, e embora pensassem que ele os guiava, eram eles, na verdade, que o obrigavam a seguir em frente.

— É o nosso Messias — diziam a quem lhes perguntasse. Corriam já rumores de milagres.

Quando via os enfermos, tinha pena deles e tentava fazer o que podia, pois era o que esperavam dele. Muitos não tinham remédio, mas outros, padecendo de óbvias condições psicossomáticas, podiam ser ajudados. Acreditavam no seu poder mais do que na própria doença. E ele desta maneira os curava.

Chegado a Cafarnaum, umas cinquenta pessoas seguiram-no pelas ruas da cidade. Era já do conhecimento geral que ele estava de certa forma associado a João Baptista, que gozava de enorme prestígio na Galileia e tinha até sido declarado verdadeiro profeta por muitos fariseus. Contudo, este homem tinha, de certa forma, um poder maior do que o de João. Não seria o orador que encontravam no Baptista, mas tinha feito milagres.

Cafarnaum era uma cidade espraiada junto ao cristalino lago da Galileia, cujas casas eram separadas por grandes hortas com vegetais destinados à venda no mercado. Atracados ao longo do cais estavam barcos de pesca, bem como navios comerciais que serviam as cidades à beira do lago. Ainda que se erguessem montes verdes a toda a volta, Cafarnaum tinha sido construída em terreno plano e abrigado pelas colinas. Era uma cidade pacata e, como muitas outras da Galileia, tinha grande população de gentios. Mercadores gregos, romanos e egípcios percorriam as ruas e muitos tinham feito ali as suas residências permanentes. Havia uma próspera classe média de mercadores, artesãos e armadores, bem

como médicos, advogados e estudiosos, dado que Cafarnaum se encontrava na fronteira das províncias da Galileia, Traçonites e Síria, e apesar de comparativamente pequena, era um ponto de encontro útil para mercadores e viajantes.

O estranho profeta insano, com a sua túnica de linho a adejar, seguido pela multidão heterogénea, composta na maior parte por gente pobre mas onde também se viam homens de alguma distinção, invadiu Cafarnaum. Espalhou-se a notícia de que este homem era realmente capaz de prever o futuro, que já tinha previsto a captura de João por Herodes Antipas e que, pouco depois, Herodes encarcerara o Baptista em Pereia. Não fazia as suas previsões em termos gerais, com palavras vagas como faziam os outros profetas. Falava do que aconteceria no futuro próximo, e descrevia-o ao pormenor.

Ninguém sabia o seu nome. Era simplesmente o profeta de Nazaré, ou o nazareno. Houve quem afirmasse que era parente, filho talvez, de um carpinteiro de Nazaré, mas era possível que assim fosse porque as palavras escritas para «filho de carpinteiro» e «mago» eram quase idênticas, daí a confusão. Corria até um rumor muito incerto de que se chamava Jesus. O nome tinha surgido uma ou duas vezes, mas quando lhe perguntavam se era assim, de facto, que se chamava, ele negava-o ou então, à sua maneira sonhadora, recusava-se de todo a responder.

Os seus sermões não eram dados ao ardor dos de João. Este homem falava devagar, um tanto vagamente, e sorria com frequência. Falava de Deus de maneira estranha, também, e parecia ligado, como João, aos essénios, já que pregava contra a acumulação de riqueza material e falava dos homens como uma irmandade, tal como eles.

Mas era nos milagres que o povo atentava enquanto o conduzia à elegante sinagoga de Cafarnaum. Nunca nenhum profeta antes dele curara os enfermos ou parecera compreender os problemas de que as pessoas raramente falavam. Era à sua simpatia que reagiam, e não às palavras que proferia.

Pela primeira vez na vida, Karl Glogauer tinha-se esquecido de Karl Glogauer. Pela primeira vez na vida, fazia o que sempre

procurara fazer como psiquiatra.

Mas a vida não era a dele. Estava a dar vida a um mito — uma geração antes de esse mito nascer. Fechava uma espécie de circuito psíquico. Não mudava a História, mas dava à História mais substância.

Não lhe passava pela cabeça que Jesus não tinha sido mais do que um mito. Estava ao seu alcance fazer de Jesus uma realidade física, e não a criação de um processo de mitogénese.

Por isso falava nas sinagogas e falava de um Deus mais bondoso do que qualquer um deles conhecia, e sempre que se conseguia recordar, contava-lhes parábolas.

E, aos poucos, a necessidade de justificar o que fazia extinguiu-se e a sua noção de identidade tornou-se cada vez mais ténue e foi substituída por uma noção diferente de identidade, em que dava cada vez mais substância ao papel que tinha escolhido. Era um papel arquetípico. Era um papel que apelava a uma disciplina de Jung. Era um papel que ia além da simples imitação. Era um papel que teria agora de interpretar até ao último e mais importante dos pormenores. Karl Glogauer descobrira a realidade que vinha procurando.

*E estava na sinagoga um homem que tinha o espírito dum demónio imundo, e exclamou em voz alta,
Dizendo: Ah! que temos nós contigo, Jesus, nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus.
E Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai dele. E o demónio, lançando-o por terra, no meio do povo, saiu dele, sem lhe fazer mal. E veio espanto sobre todos, e falavam entre si uns e outros, dizendo: Que palavra é esta, que até aos espíritos imundos manda com autoridade e poder, e eles saem? E a sua fama divulgava-se por todos os lugares, em redor daquela comarca.*

(S. Lucas 4:33-37)

- Alucinações de massas. Milagres, discos voadores, fantasmas, é tudo a mesma coisa — dissera Monica.
- É possível — respondera ele. — Mas por que os viram eles?
- Porque queriam.
- Porquê?
- Porque tinham medo.
- Achas que é só isso?
- Não chega?

Quando deixou Cafarnaum pela primeira vez, acompanhavam-no muitas mais pessoas. Tinha-se tornado impraticável permanecer na cidade, já que o comércio tinha sido quase paralisado pelas multidões que tentavam vê-lo fazer os seus simples milagres.

Ele falava-lhes nos espaços para lá das cidades. Conversava com homens inteligentes e letrados que pareciam ter algo em comum consigo. Alguns eram donos de frotas de pesca — entre eles Simão, Tiago e João. Um outro era médico, e outro um funcionário público que o escutara pela primeira vez em Cafarnaum.

— Tem de haver doze — disse-lhes um dia. — Tem de haver um Zodíaco.

Não atentava ao que dizia. Muitas das suas idéias eram estranhas. Muitas das coisas sobre as quais falava eram-lhes desconhecidas. Havia fariseus que pensavam que ele blasfemava.

Certo dia, encontrou um homem que reconheceu como essénio, da colónia perto de Maqueros.

- João quer falar contigo — disse o essénio.
- João ainda não morreu? — perguntou ao homem.
- Foi aprisionado em Pereia. Penso que Herodes tem demasiado medo de o matar. Deixa que João vagueie pelo interior e jardins do

palácio, deixa-o falar com os seus homens, mas João receia que Herodes tão tardará a ganhar coragem para o mandar apedrejar ou decapitar. Precisa da tua ajuda.

— Como posso ajudá-lo? Ele vai morrer. Não há esperança para ele.

Sem perceber nada, o essénio encarou o profeta enlouquecido.

— Mas, senhor, não há mais quem lhe possa valer.

— Fiz tudo o que ele me pediu para fazer — disse o profeta. — Curei os enfermos e preguei aos pobres.

— Desconhecia este seu pedido. Agora é ele quem precisa de ajuda, senhor. Podes salvar-lhe a vida.

O profeta tinha puxado o essénio da multidão.

— A sua vida não pode ser salva.

— Mas se não for, prosperarão os ímprobos e o Reino dos Céus não será repostos.

— A sua vida não pode ser salva.

— É essa, a vontade de Deus?

— Se sou Deus, então sim, é a vontade de Deus.

Desalentado, o essénio virou costas e começou a afastar-se da multidão.

João Baptista teria de morrer. Glogauer não tinha a intenção de mudar a História, apenas fortalecê-la.

Prosseguiu, com o seu séquito, pela Galileia. Tinha escolhido os seus doze homens educados, e o resto que o seguia era, na sua maior parte, gente pobre. A esses, oferecia-lhes a sua única esperança de felicidade. Muitos eram os que já se tinham preparado para seguir João contra os romanos, mas agora João era prisioneiro. Talvez este homem liderasse a revolta, para pilhar as riquezas de Jerusalém, Jericó e Cesareia. Cansados e com fome, de olhos vítreos sob o sol abrasador, seguiram o homem de túnica branca. Precisavam da esperança e encontraram razões para a suportar. Viram-no fazer milagres cada vez maiores.

Certa vez, pregou à multidão de um barco, como era seu costume, e regressando à margem pelos baixios, pareceu-lhes que caminhava sobre a água.

Vaguearam por toda a Galileia no Outono, ouvindo sempre notícias da decapitação de João. O desespero pela morte do Baptista refez-se em esperança neste novo profeta que o tinha conhecido.

Na Cesareia, expulsaram-nos da cidade os guardas romanos que estavam habituados aos selvagens que, com as suas profecias, erravam pelo país.

Foram banidos de outras cidades à medida que a fama do profeta crescia. Não só pelas autoridades romanas, mas também pelas judaicas, que pareciam relutantes em tolerar o novo profeta da mesma forma que haviam tolerado João. O clima político estava a mudar.

Tornou-se difícil encontrar comida. Subsistiam do que conseguiam encontrar, vivendo como animais famintos.

Ele ensinou-os a fingir que comiam para tirar a fome do pensamento.

Karl Glogauer, curandeiro, psiquiatra, hipnotizador, messias.

Por vezes, a sua convicção no papel escolhido vacilava, e os que o seguiam ficavam agitados quando se contradizia. Frequentemente, agora, tratavam-no pelo nome que tinham ouvido, Jesus Nazareno. A maior parte das vezes, não os impedia de usar o nome, mas noutras ficava furioso e clamava um estranho nome gutural.

— Karl Glogauer! Karl Glogauer!

Ao que eles diziam, Ei-lo que fala com a voz de Adonai.

— Não me trateis por esse nome! — gritava, e eles ficavam agitados e deixavam-no a sós até que cedesse a fúria.

Quando o tempo mudou e chegou o Inverno, regressaram a Cafarnaum, que se convertera num reduto para os seus discípulos.

Em Cafarnaum deixou passar o Inverno, fazendo profecias.

Muitas das profecias diziam respeito a si próprio e ao destino de quem o seguia.

Então mandou aos seus discípulos que a ninguém dissessem que Ele era o Cristo. Desde então começou Jesus a mostrar aos Seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos príncipes dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia.

(S.Mateus 16:20-21)

Estavam a ver televisão no apartamento dela. Monica estava a comer uma maçã. Eram umas seis ou sete da tarde num domingo de calor. Monica apontou para o ecrã com a maçã meio comida.

— Olha para aquele disparate — disse. — Diz-me com franqueza que isto não significa nada para ti.

Era um programa religioso, sobre uma ópera pop na igreja de Hampstead. A ópera contava a história da crucificação.

— Bandas pop no púlpito — continuou. — Que atraso de vida.

Ele não lhe respondeu. De certa forma obscura, o programa parecia obscuro. Não podia discordar dela.

— O cadáver de Deus começa mesmo a apodrecer — escarneceu. — Pfui! Que pivete!

— Então desliga — disse ele calmamente.

— Como é que se chama a banda? The Maggots?

— Tens muita graça. Vou desligar, posso?

— Não, quero ver. Tem piada.

— Vá, desliga lá isso!

— Imitação de Cristo! — bufou ela. — É o estupor de uma caricatura.

Um cantor negro, que interpretava o papel de Cristo num tom monótono, ao som de um acompanhamento banal, começou a debitar uma letra inerte sobre a irmandade do Homem.

— A cantar assim, não admira que o tivessem pregado à cruz — disse Monica.

Ele esticou-se e desligou a televisão.

— Estava a ver isso. — Falava num tom de desilusão fingida. — Era um lindo canto de cisne.

Disse-lhe mais tarde com um vestígio de afeição que o preocupou:

— Seu bota-de-elástico. É pena. Podias ter sido John Wesley ou Calvino ou alguém. Não podes ser messias nos dias que correm, não da maneira que tu queres. Não tens quem te dê ouvidos.

VI

O profeta estava a viver na casa de um homem chamado Simão, embora o profeta preferisse tratá-lo por Pedro. Simão estava grato ao profeta porque este lhe curara a mulher de uma doença da qual ela vinha padecendo há algum tempo. Era uma doença misteriosa, mas o profeta curara-a quase sem esforço.

Havia grande quantidade de estranhos em Cafarnaum naquela época, muitos deles para ver o profeta. Simão avisou o profeta de que alguns eram conhecidos agentes dos romanos ou dos fariseus. Os fariseus, de maneira geral, não antipatizavam com o profeta, embora desconfiassem dos rumores de milagres que tinham ouvido. Contudo, a atmosfera política estava agitada e as tropas de ocupação romanas, de Pilatos e dos seus oficiais até aos soldados, encontravam-se tensas, aguardando uma insurreição mas incapazes de discernir sinais tangíveis de que vinha a caminho.

Pilatos ansiava por dificuldades em maior escala. Mostraria a Tibério que o imperador tinha sido demasiado brando com os judeus no que dizia respeito aos escudos votivos. Pilatos seria vingado e o seu poder sobre os judeus alargado. De momento, estava de más relações com todos os tetrarcas das províncias — em especial o instável Herodes Antipas que em tempos lhe tinha parecido o seu único apoiante. Para além da situação política, a sua própria situação doméstica estava em desalinho, visto a sua neurótica esposa estar outra vez com pesadelos e exigir dele mais atenção do que a que ele lhe podia dar.

Talvez houvesse a possibilidade, pensou, de provocar um incidente, mas teria de se acautelar para que Tibério nunca descobrisse. Talvez este novo profeta pudesse servir de foco, mas até à data ainda não havia feito nada contra a lei, quer dos judeus, quer dos romanos. Não havia lei que proibisse uma pessoa de se

afirmar messias, como alguns diziam que este tinha feito, e o novo profeta dificilmente incitava o povo a revoltar-se — bem pelo contrário.

Olhando pela janela dos seus aposentos, com vista para os pináculos e minaretes de Jerusalém, Pilatos ponderou sobre a informação que os espiões lhe tinham trazido.

Pouco tempo depois do festival a que os romanos chamam Saturnais, o profeta e os seus seguidores voltaram a deixar Cafarnaum e iniciaram uma viagem pelo país.

Havia menos milagres, agora que o tempo quente tinha passado, mas as profecias eram-lhe ansiosamente pedidas, Ele avisou -os dos erros que fariam de futuro, e de todos os crimes que se cometeriam em seu nome.

Vagueou pela Galileia, e por Samaria, seguindo as boas estradas romanas em direcção a Jerusalém.

Aproximava-se a altura da Páscoa.

Em Jerusalém, oficiais romanos discutiam a festa que estava para chegar. Sempre fora uma época de maior tumulto. Já antes tinham ocorrido distúrbios durante a Festa da Páscoa, e decerto haveria agitação este ano também.

Pilatos falou aos fariseus, pedindo-lhes cooperação. Os fariseus responderam que fariam o que estivesse ao seu alcance, mas que não podiam impedir as pessoas de se comportarem com destempero.

De sobrolho carregado, Pilatos mandou-os sair.

Os seus agentes trouxeram-lhe relatos de todo o território. Alguns dos relatos referiam o novo profeta, mas afirmavam que era inofensivo.

Pilatos pensou para consigo que podia ser inofensivo então, mas que deixaria de o ser quando chegasse a Jerusalém durante a Páscoa.

A duas semanas da Festa da Páscoa, o profeta chegou à cidade de Betânia, nos arredores de Jerusalém. Vários galileus que o seguiam tinham amigos em Betânia, e estes amigos de bom grado se prestaram a acolher o homem de que tinham ouvido outros peregrinos falar a caminho de Jerusalém e do Grande Templo.

A razão de terem ido a Betânia prendia-se com o facto de o profeta ter ficado preocupado com o número de pessoas que o seguiam.

— Sois demasiados — tinha dito a Simão. — Demasiados, Pedro.

O rosto de Glogauer estava agora macilento. Os olhos tinham -se afundado nas órbitas e falava pouco.

Às vezes, punha-se a olhar em volta com ar vago, como se não soubesse onde estava.

Chegaram notícias à casa em Betânia de que agentes romanos tinham andado a perguntar por ele. Tal não pareceu incomodá -lo. Pelo contrário, acenou com a cabeça, pensativo, como que satisfeito.

Certo dia, passeou pela região com dois dos seus seguidores para observar Jerusalém. As paredes amarelas vivas da cidade pareciam esplêndidas à luz da tarde. As torres e edifícios altos, muitos dos quais decorados com mosaicos vermelhos, azuis e amarelos, podiam ver-se a quilómetros de distância.

O profeta deu meia volta para regressar a Betânia.

— Quando é que vamos a Jerusalém? — perguntou-lhe um dos seguidores.

— Ainda não — respondeu Glogauer. Tinha os ombros arqueados, e apertava o peito com os braços e as mãos como se tivesse frio.

Dois dias antes da Festa da Páscoa em Jerusalém, o profeta levou os homens ao Monte das Oliveiras e a um subúrbio de Jerusalém construído na sua encosta e chamado Betfagé.

— Trazei-me um jumento — ordenou-lhes. — Um asninho. Devo cumprir agora a profecia.

— Então todos saberão que és o Messias — disse André.

— Sim.

Glogauer soltou um suspiro. Sentiu novamente medo, mas desta feita não era um medo físico. Era o medo de um actor prestes a entrar na última e mais dramática das suas cenas, a qual não estava certo de conseguir interpretar bem.

Suores frios acumularam-se no lábio superior de Glogauer. Limpou a boca.

Contemplou, à luz fraca, os homens que o rodeavam. Continuava sem estar certo de alguns dos seus nomes. Não lhe interessavam os nomes, especificamente; apenas o seu número. Estavam ali dez. Os outros dois andavam à procura do jumento.

Encontravam-se na encosta coberta de erva do Monte das Oliveiras, olhando para Jerusalém e para o Grande Templo mais abaixo. Soprava uma aragem quente.

— Judas? — disse Glogauer, interrogativo.

Havia um chamado Judas.

— Sim, senhor — respondeu. Era alto e bem-parecido, de cabelo ruivo encaracolado e olhar neurótico e inteligente. Glogauer acreditava que fosse epiléptico.

Glogauer olhou pensativo para Judas Iscariotes.

— Quero que me ajudes mais tarde — disse — quando estivermos em Jerusalém.

— Como, senhor?

— Levarás uma mensagem aos romanos.

— Aos romanos? — Iscariotes pareceu consternado. — Porquê?

— Tens de a levar aos romanos. Não pode ser aos judeus — esses usariam uma estaca ou um machado. Contar-te-ei o resto quando chegar a hora.

O céu estava agora escuro, e as estrelas brilhavam sobre o Monte das Oliveiras. Tinha ficado frio. Glogauer tremia.

Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre, e montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta.

(Zacarias 9:9)

— *Osha'na! Osha'na! Osha'na*

Enquanto Glogauer entrava de jumento na cidade, os seus discípulos corriam em frente, atirando ao chão ramos de palmeira. Dos dois lados da rua estavam multidões, avisadas pelos discípulos da sua chegada.

O novo profeta podia agora ser visto concretizando os vaticínios dos profetas antigos e muitos estavam convencidos de que tinha vindo para os liderar na resistencia aos romanos. Quem sabe se estaria agora mesmo a caminho da casa de Pilatos para confrontar o procurador.

— *Osha'na! Osha'na!*

Glogauer olhou em volta, desorientado. O dorso do jumento, apesar de aconchegado pelas capas dos discípulos, era incómodo. Guinava de um lado para o outro e ele agarrou-se às crinas do animal. Escutava as palavras, mas não as conseguia distinguir com clareza.

— *Osha'na! Osha'na!*

Parecera-lhe «hossana» a principio, antes de se aperceber que o que gritavam era a palavra aramaica que significava «Liberta -nos».

— Liberta-nos! Liberta-nos!

João tinha planeado uma revolta armada contra os romanos naquela Páscoa. Muitos contavam tomar parte na rebelião.

Acreditavam que ele ocupava o lugar de João como líder rebelde.

— Não — segredou-lhes ao ver as caras expectantes que o cercavam. — Não, sou o messias. Não vos posso libertar. Não posso...

Não o ouviram, com a gritaria.

Karl Glogauer entrou em Cristo. Cristo entrou em Jerusalém. A história aproximava-se do seu clímax.

— *Osha'na!*

Não estava na história. Não os poderia ajudar.

Em verdade, em verdade vos digo: se alguém receber o que Eu enviar, Me recebe a Mim, e quem Me recebe a Mim, recebe Aquele que Me enviou. Tendo Jesus dito isto, turbou-Se em espírito, e afirmou, dizendo: Em verdade, em verdade vos digo que um de vós

Me há-de trair. Então, os discípulos olhavam uns para os outros, duvidando de quem Ele falava. Ora, um dos Seus discípulos, aquele a quem Jesus amava, estava reclinado no seio de Jesus. Então Simão Pedro fez sinal a este para que perguntasse quem era aquele de quem Ele falava. E inclinando-se ele sobre o peito de Jesus, disse-Lhe: Senhor, quem é? Jesus respondeu: É aquele a quem Eu der o bocado molhado. E, molhando o bocado, o deu a Judas Iscariotes, filho de Simão. E, após o bocado, entrou nele Satanás. Disse, pois, Jesus: O que fazes, faze-o depressa.

(S. João 13:20-27)

Irresoluto, Judas Iscariotes carregou o sobrolho ao sair da divisão para a rua apinhada de gente, abrindo caminho em direcção ao palácio do governador. Decerto tinha um papel a desempenhar num plano para iludir os romanos e fazer com que o povo se insurgisse em defesa de Jesus, mas julgava o ardid imprudente. O ânimo dos homens, mulheres e crianças que se acotovelavam nas ruas era tenso. Muitos mais soldados do que o habitual patrulhavam a cidade.

Pilatos era um homem corpulento. Tinha a cara de alguém que se dava a excessos e o seu olhar era duro e frívolo. Mirou desdenhosamente o judeu.

— Não pagamos a informadores cujas informações se revelam falsas — avisou.

— Não peço dinheiro, senhor — disse Judas, fingindo os modos insinuantes que os romanos pareciam esperar dos judeus. — Sou um leal súbdito do imperador.

— Quem é este rebelde?

— Jesus de Nazaré, senhor. Chegou hoje à cidade...

— Eu sei. Eu vi-o. Mas ouvi dizer que pregava a paz e a obediência à lei.

— Apenas para vos enganar, senhor.

Pilatos franziu as sobrancelhas. Era provável. Cheirava ao tipo de engano que se habituara a esperar desta gente branda. — Tens provas?

— Sou um dos seus tenentes, senhor. Dou testemunho da sua culpa.

Pilatos franziu os lábios grossos. Não se podia dar ao luxo de ofender os fariseus nesta altura. Já lhe tinham dado problemas suficientes. Caifás, em particular, seria dos primeiros a gritar «injustiça» se acaso prendesse o homem.

— Afirma-se o legítimo rei dos judeus, descendente de David — contou Judas, repetindo o que o mestre lhe tinha mandado dizer.

— Ai é? — Pilatos olhou, pensativo, pela janela.

— Quanto aos fariseus, senhor...

— Que têm os fariseus?

— Os fariseus desconfiam dele. Querem-no morto. Ele critica -os.

Pilatos acenou com a cabeça. Semicerrou os olhos enquanto considerou esta informação. Os fariseus bem podiam odiar o louco, mas seriam os primeiros a tirar dividendos políticos da sua detenção.

— Os fariseus querem-no preso — continuou Judas. — As pessoas juntam-se para ouvir o profeta, e ainda hoje muitos provocaram distúrbios no Templo em seu nome.

— É verdade?

— É verdade, senhor. — E era. Meia dúzia de pessoas tinha atacado e tentado roubar os vendilhões no Templo. Uma vez presos, declararam ter feito a vontade do nazareno.

— Não posso fazer essa detenção — respondeu, meditando, Pilatos. A situação em Jerusalém era já perigosa, mas se fossem prender este «rei», poderiam descobrir que precipitavam uma revolta. Tibério acusá-lo-ia a ele, não os judeus. Os fariseus precisavam de ser convencidos. Teriam de ser eles a fazer a detenção. — Espera aqui — disse a Judas. — Vou mandar mensagem a Caifás.

E foram a um lugar chamado Getesêmane, e disse aos Seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto Eu oro. E tomou consigo a Pedro, e a Tiago e a João, e começou a ter pavor e a angustiar-Se. E disse-lhes: A Minha alma está profundamente triste, até à morte: ficai aqui, e vigiai.

(S. Marcos 14:32-34)

Glogauer podia ver a turba aproximar-se. Pela primeira vez desde Nazaré, sentia-se fisicamente fraco e exausto. Iam matá-lo. Tinha de morrer; isso ele aceitava, mas temia a dor que ainda estava por vir. Sentou-se no chão da encosta, a ver os archotes aproximarem-se.

— O ideal do martírio só chegou a existir nas cabeças de alguns ascetas — dissera Monica. — Tirando isso, era masoquismo mórbido, uma maneira fácil de renunciar às responsabilidades normais, um método de manter o povo reprimido sob controlo...

— Não é assim tão simples...

— É, pois, Karl.

Agora é que podia mostrara Monica. Pena que fosse provável ela nunca descobrir. Tinha planeado escrever tudo e metê-lo na máquina do tempo, na esperança de que fosse recuperada. Estranho. Não era religioso no sentido habitual. Era agnóstico. Não fora a convicção que o levara a defender a religião do desprezo cínico de Monica; fora antes a *falta* de convicção no ideal em que ela depositara a sua fé, o ideal da ciência como solucionadora de todos os problemas. Não podia partilhar dessa fé e não havia outra

coisa a não ser a religião, embora não conseguisse acreditar no Deus do cristianismo. O Deus que era visto como força mística dos mistérios do cristianismo e das outras grandes religiões não lhe tocava o suficiente. A mente racional dizia-lhe que Deus não existia sob qualquer forma pessoal. O inconsciente dizia-lhe que a fé na ciência não bastava.

— A ciência opõe-se basicamente à religião — dissera Monica certa vez com brusquidão. — Juntem-se os jesuítas que quiserem para racionalizar as suas opiniões da ciência, subsiste o facto de que a religião é incapaz de aceitar as atitudes fundamentais da ciência e que nesta está implícito o ataque aos princípios fundamentais da religião. A única área em que não há diferença nem necessidade de guerras é na derradeira suposição. Cada um pode ou não pressupor que existe um ser sobrenatural chamado Deus. Mas assim que se começa a defender essa suposição, terá de haver conflito.

— Falas de religião organizada...

— Falo de religião em contraste com uma crença. Quem é que precisa do ritual da religião quando temos o ritual da ciência, que é bem melhor para o substituir? A religião é um substituto aceitável para o conhecimento. Mas já não há necessidade de substitutos, Karl. A ciência dá-nos uma base mais sólida para formular sistemas de raciocínio e de ética. Já não precisamos da cenoura do céu nem do pau do inferno quando a ciência nos pode mostrar as consequências dos actos, e as pessoas podem facilmente julgar por si próprias se tais actos estão certos ou errados.

— Não posso concordar.

— Isso é porque estás doente. Também eu estou doente, mas ao menos consigo ver uma promessa de saúde.

— Eu só vejo a ameaça da morte...

Como acordado, Judas beijou-o na face, e uma força mista de guardas do Templo e soldados romanos cercou-o. Disse aos romanos, a custo:

— Sou eu, o Rei dos Judeus.

E disse aos servos dos fariseus:

— Sou o messias vindo para vos destruir os senhores.

Estava agora comprometido, e o derradeiro ritual podia começar.

VII

Foi um julgamento descuidado, uma mistura arbitrária de lei romana e judaica que não satisfez ninguém por completo. O objectivo foi alcançado após várias conferências entre Pilatos e Caifás e três tentativas de forçar e fundir os seus diferentes sistemas legais de modo a servir as conveniências da situação. Ambos precisavam de um bode expiatório para os seus diferentes propósitos, e por fim chegaram a acordo e o louco foi condenado, por rebelião contra Roma por um lado, e heresia, por outro.

Uma peculiaridade do julgamento foi que as testemunhas eram todas discípulas do homem e no entanto pareciam ansiosas por vê-lo condenado.

Os fariseus concordaram que, neste caso, o método romano de execução era o que se aplicava melhor à época e à situação, e ficou decidido crucificá-lo. O homem tinha prestígio, contudo, pelo que seria necessário usar alguns dos métodos comprovados de humilhação dos romanos, de modo a fazer dele uma figura patética e caricata aos olhos dos peregrinos. Pilatos assegurou aos fariseus que teria cuidado para que assim fosse, mas certificou-se de que eles assinavam documentos a aprovar estes actos.

E os soldados O levaram dentro, à sala, que é a da audiência, e convocaram toda a coorte. E vestiram n'O de púrpura e, tecendo uma coroa de espinhos, Lha puseram na cabeça. E começaram a saudá-Lo, dizendo: Salve, Rei dos Judeus! E feriram-n'O na cabeça com uma cana e cuspiram n'Ele e, postos de joelhos, O adoraram. E havendo-O escarnecido, despiram-Lhe a púrpura, e O vestiram com os seus próprios vestidos; e O levaram para fora, a fim de O crucificarem.

(S. Marcos 15:16-20)

Tinha agora o juízo toldado, pela dor e pelo ritual de humilhação; por se ter entregado por completo ao seu papel.

Estava demasiado fraco para carregar a pesada cruz de madeira, e seguiu atrás dela enquanto foi arrastada em direcção ao Gólgota por um cirenaico que os romanos coagiram para o efeito.

Cambaleou pelas ruas cheias e silenciosas, observado por aqueles que chegaram a pensar que ele os chafiaria contra os senhores de Roma, com os olhos marejados de lágrimas, tanto que tinha a vista turva e às vezes saía a cambalear da estrada e era empurrado de volta por um dos guardas romanos.

— *És demasiado emocional, Karl. Por que não usas essa tua cabeça e te compões...*

Recordava-se das palavras, mas era difícil recordar-se de quem as tinha dito ou de quem Karl era.

A estrada que subia a encosta do monte era pedregosa e ele escorregou algumas vezes, a lembrar outro monte que há muito tinha subido. Tinha idêa de que fora criança, mas a recordação fundia-se com outras e era impossível ter a certeza.

Tinha a respiração pesada e um tanto difícil. A dor dos espinhos na cabeça, essa mal a sentia, mas o corpo todo parecia latejar em unísono com o coração. Era como um tambor.

Era quase noite. O sol punha-se. Ele caiu de frente, ferindo a cabeça numa pedra aguçada, mesmo ao chegar ao cume do monte. Desmaiou.

E levaram-no ao lugar do Gólgota, que se traduz por lugar da Caveira. E deram-lhe a beber vinho com mirra, mas Ele não o tomou. (S. Marcos 15:22-23)

Afastou a taça com uma pancada. O soldado encolheu os ombros e esticou-se para lhe agarrar um dos braços. Um segundo soldado prendia-lhe já o outro.

Ao recobrar os sentidos, Glogauer começou a tremer violentamente. Sentiu a dor de forma intensa quando as cordas lhe cortaram a carne dos pulsos e dos tornozelos. Debateu-se.

Sentiu qualquer coisa fria encostada à palma da mão. Embora cobrisse apenas uma pequena área no centro da mão, parecia muito pesada. Ouviu um barulho que também acompanhava o ritmo das suas pulsações. Virou a cabeça para observar.

Um grande prego de ferro era-lhe cravado na mão por um soldado com um maço, enquanto ele se deitava na cruz que estava, de momento, horizontal ao chão. Ficou a ver, perguntando-se porque não sentia dor. O soldado levantou mais o maço quando o prego encontrou a resistência da madeira. Por duas vezes, falhou o prego e acertou nos dedos de Glogauer.

Glogauer olhou para o outro lado e viu que o segundo soldado também martelava um prego. Evidentemente, tinha falhado o prego muitas vezes, já que os dedos dessa mão se encontravam esmagados e em sangue.

O primeiro soldado parou de martelar e desviou a sua atenção para os pés. Glogauer sentiu o ferro deslizar-lhe pela carne, ouviu-o ser martelado.

Usando uma roldana, começaram a içar a cruz para a posição vertical. Glogauer reparou que estava só. Não havia outros crucificados nesse dia.

Tinha uma vista desimpedida das luzes de Jerusalém a seus pés. Havia ainda claridade no céu, mas já não era muita. Não tardaria a fazer-se completamente escuro. Havia uma pequena multidão a observar. Uma das mulheres lembrou-lhe Monica. Chamou-a.

— Monica?

Mas a voz estava rachada e a palavra foi um sussurro. A mulher não levantou os olhos.

Sentiu o corpo pender dos pregos que o sustentavam. Pensou sentir uma pontada na mão esquerda. Parecia estar a sangrar profundamente.

Era estranho, cogitou, que fosse ele ali pendurado. Pensava que fosse o acontecimento que viera de início observar. Havia poucas dúvidas, na verdade. Tudo correria na perfeição.

A dor na mão esquerda intensificou-se.

Lançou o olhar para os guardas romanos que jogavam dados aos pés da cruz. Pareciam estar absortos no jogo. Não conseguia ver as pintas nos dados de tão longe.

Suspirou. O movimento do peito pareceu colocar mais esforço nas mãos. A dor era agora muito intensa. Estremeceu e procurou de algum modo encostar-se para trás, contra a madeira.

A dor começou a espalhar-se pelo corpo. Rangeu os dentes. Era terrível. Gritou, ofegante. Contorceu-se.

Já não havia luz nenhuma nos céus. Nuvens densas ocultavam as estrelas e a lua.

De baixo, ouviram-se vozes sussurradas.

— Tirem-me daqui — gritou ele. — Por favor, tirem-me daqui!

A dor preenchia-o. Deixou-se cair para a frente, contudo ninguém o libertou.

Pouco depois, levantou a cabeça. O movimento provocou o regresso da agonia e, mais uma vez, começou a contorcer-se na cruz.

— Tirem-me daqui. Por favor. Por favor, parem isto!

Cada fracção da sua carne, cada músculo, tendão e osso, enchia-se com um grau quase impossível de dor.

Sabia que não iria sobreviver até ao dia seguinte, como chegou a pensar conseguir. Não tinha feito idéia do alcance das suas dores.

E, à hora nona, Jesus exclamou com grande voz, dizendo: Eloi, Eloi, lama sabactâni? que, traduzido, é: Deus Meu, Deus Meu, porque Me desamparaste?

(S. Marcos 15:34)

Glogauer tossiu. Foi um som seco, quase inaudível. Os soldados aos pés da cruz ouviram-no por a noite estar agora tão sossegada.

— Tem graça — disse um. — Ontem adoravam-no. Hoje pareciam querer que o matássemos — até aqueles que lhe eram mais próximos.

— Terei muito prazer em deixar esta terra — disse outro.

Voltou a ouvir a voz de Monica.

— É fraqueza e medo, Karl, o que te levou a isto. Martírio é vaidade. Não percebes?

Fraqueza e medo.

Voltou a tossir e a dor regressou, agora mais difusa.

Imediatamente antes de morrer, recomeçou a falar, murmurando as palavras até lhe desaparecer o fôlego.

— É mentira. É mentira. É mentira.*

Mais tarde, depois de o corpo ter sido roubado pelos servos de médicos convencidos das suas propriedades especiais, surgiram boatos de que não tinha morrido. Mas o corpo apodrecia já nas salas de dissecação dos médicos e em breve seria destruído.

*«It's a lie» no original, trocadilho com a palavra "Eloi." (N. do T.)

Nota do autor

A lenda de que me libertei dos bairros de lata da ficção pulp para me estabelecer nos melhores subúrbios literários reflecte, desconfio, atitudes culturais convencionais mais do que revela algo sobre a minha carreira como escritor. Nunca senti necessidade de reconciliar o meu gosto por rock and roll com a paixão por Schönberg ou pedir desculpas pelo meu entusiasmo em relação a toda a ficção popular e literária de alta qualidade. Se o prazer que encontro em Harrison Ainsworth não tem a mesma profundidade do que encontro em George Meredith, talvez tenha a ver com o facto de, no seu melhor, Meredith ter sido o maior de todos os romancistas do século XIX. Mas Meredith não sabia contar uma história de salteadores da estrada com a mesma emoção que Ainsworth, e só raramente exibia o mesmo à-vontade bem-disposto com que Ainsworth incluía uma ou duas canções das que ficam no ouvido se a narrativa parecia esmorecer.

Cresci num mundo em que as artes populares desenvolviam enorme potencial — em especial as derivadas do rock and roll e da ficção científica. Estas eram as formas de arte da moda para a geração que cultivava a ironia como se de uma superdroga se tratasse — que glorificava Andy Warhol e os artistas pop, o boom da sátira e os protestos sociais das massas, os Beatles, Jimi Hendrix, The Who, Pink Floyd, The Grateful Dead, Captain Beefheart, *2001*, *Dark Star*, *The Rocky Horror Show*, legislações progressistas para a defesa dos direitos civis, jornalismo *gonzo*, feminismo radical, o movimento Black Power, o triunfo do activismo anti-censura, um renascimento do teatro, dança e outras artes de palco, recitais de poesia em locais como o Albert Hall, e uma vasta explosão de experiências numa busca constante por novos patamares de

ambição e execução. Os artistas, frustrados pelos meios de expressão ortodoxos do seu tempo, e que já não descreviam a sua experiência, tinham começado a procurar inspiração e métodos nas imagens e vocabulários, e também nas técnicas, de formas populares.

A ortodoxia, por natureza, tende a acreditar, às vezes agressivamente, que o melhor já foi atingido. Gera um clima artístico que é, ao mesmo tempo, ameaçador e sufocante. Na América, durante a década de 1950, a ortodoxia gerou um clima político que foi o mais cruel e repressivo do mundo democrático do pós-guerra, e que efectivamente silenciou toda uma geração de opositores bem intencionados. Na Inglaterra, reconhecidamente sob um governo progressista, continuámos a ter uma austeridade e uma economia de guerra que se prestavam a deturpar atitudes. Para escapar a este clima, crianças impetuosas como eu procuravam a salvação no rock e na ficção científica. Creio termo-la encontrado e creio termos também salvo o romance inglês. Um olhar pela ficção literária mais bem sucedida de hoje revela muitas vezes a nítida influência das idéias e técnicas das quais fomos pioneiros há trinta anos com a *New Worlds*.

Tendo conseguido introduzir no mundo uma boa dose de justiça e equidade, a minha geração da contra-cultura também não fez má figura na música. A um nível prático apenas, a Rex Corporation dos Grateful Dead financia, sozinha, mais compositores sérios e talentosos do que a maior parte dos governos ou instituições privadas, e o apoio diligente que Paul McCartney dá a todos os tipos de música, em especial à clássica, é bem conhecido. Pete Townsend tornou-se administrador da editora literária Fáber and Fáber e participa activamente em programas de mecenato para jovens artistas, em especial músicos. Há muitos outros exemplos. Quem sobreviveu à década de 1960 com parte da cabeça e das finanças intactas continua a perfilhar, talvez de forma um tanto mais eficiente e selectiva, o princípio de que toda a arte deve ser popular e que alguma outra, menos familiar para um público mais vasto, necessita de uma certa dose de exposição e apoio. Também costumávamos defender que, uma vez que apreciávamos um leque tão diverso de

ficção, pintura e música, não havia motivo para o nosso trabalho não reflectir essa diversidade.

Eis o Homem foi idealizado à mesa da cozinha numa cave em Ladbroke Grove na Páscoa de 1966, enquanto alguns de nós discutíamos a natureza dos demagogos e até que ponto as suas carreiras eram movidas pela própria ambição, e pela ânsia das multidões que lhes haviam concedido o poder.

Embora tivesse recebido fortes influências de Michael Hall, a escola do Sussex gerida de acordo com os idiossincráticos princípios cristãos de Rudolf Steiner, não tive qualquer educação religiosa convencional ou instrução formal que valha a pena referir. Fui criado num lar predominantemente laico, não muito diferente de qualquer outro naquela zona do sul de Londres onde cresci. Não me lembro sequer de conhecer alguém que fosse à igreja, e os meus amigos e eu tínhamos uma tendência para acreditar que os rapazes que se juntavam aos Escuteiros, ou a semelhantes organizações da igreja, como a Boys Brigade, eram palermas risíveis. O meu amigo Brian Alford e eu tínhamos uma bela colecção de chapéus das suas fardas. Nada nos dava mais satisfação do que ver um grupo da Brigade marchar com estrépito, de cabeças descobertas, impotente para nos perseguir enquanto nós, sardónicos, lhe fazíamos continência da beira da estrada. Admito também, com alguma vergonha, que as igrejas mereciam a nossa maior atenção apenas enquanto havia chumbo para roubar dos telhados ou quando uma bombinha de mau cheiro era atirada por uma janela aberta.

Crescemos nas ruínas. Éramos recuperadores habituais. Adorávamos as paisagens que percorríamos, a revelar constantemente prémios e o potencial para a aventura. Tive uma

infância de modo geral feliz e nem sempre amoral influenciada pela ficção que lia. Aqui se incluíam Edgar Rice Burroughs, Louisa May Alcott, P. G. Wodehouse, Dickens, Shaw, E. Nesbit, Scott, Dante, Aldous Huxley, Peake, Richmal Crompton, Charles Hamilton, Karl May, Sinclair Lewis, Steinbeck, W. W. Jacobs, Carnus, Henry Treece, Dylan Thomas e Shakespeare. Incluía ainda uma quantidade imensa de revistas de ficção publicadas antes da 2.ª Guerra Mundial, em especial a obra de Anthony Skene, cujas aventuras terminaram com o Blitz. Sexton Blake era o herói detective de milhares de histórias escritas por várias pessoas a partir da década de 1890. Sempre que possível, lia pulps americanas, como a *Startling Stories* e a *Jungle Stories*, e descobri ainda exemplares da *Weird Tales*, que me iniciaram em Robert E. Howard, C. L. Moore, Seabury Quinn e Clark Ashton Smith (nunca fui capaz de ler H. P. Lovecraft sem uma boa dose de horrorizada galhofa). Quanto aos romances da minha mãe, ia de bicicleta a biblioteca privada mais próxima para os alugar (ainda havia bastantes na altura, a dois dinheiros por volume por semana) e levava-lhe seis dinheiros em livros de cada vez, enquanto eu ia lendo as séries populares da altura — Sax Rohmer, Edgar Wallace, Dornford Yates, Max Brand, Zane Grey, Clarence E. Mulford e demais. A medida que fui crescendo e me tomei mais exigente, comecei a passar mais tempo na biblioteca pública reconstruída, que ficava a dois minutos de casa. A minha educação literária inicial veio do bibliotecário, que me recomendava os clássicos, de Austen a Hugo. Lia tão depressa e com tanto entusiasmo que havia adultos a recomendar-me os seus favoritos — de Alexandre Dumas a Samuel Beckett, de Elizabeth Bowen a James Joyce. Os meus gostos eram amplos. Lia poesia e filosofia, muitas vezes sem compreender a maior parte. Durante muito tempo, preferi humor e fantasia. Quando os dois se combinavam num único livro, como em Dunsany, Peake, Cabell, Leiber, De Camp, Thorne Smith ou Anthony Boucher, era uma delícia. Embora não fosse uma criança particularmente solitária, gostava de andar sozinho, e não há lugar mais seguro para alguém se perder num livro, com uma maçã e uma garrafa de gasosa, do que num quarto secreto e semienterrado nos escombros de uma mansão bombardeada!

Há elementos profundamente autobiográficos em *Eis o Homem*. São, de modo geral, os poucos episódios infelizes de uma infância bem gozada e em que tive muito mais liberdade do que a maior parte das crianças modernas. Alguns destes elementos voltaram a surgir nas cenas com David Mummery em *Mother London*, e também no segundo romance com Glogauer, *Breakfast in the Ruins*, e têm a ver principalmente com as relações mãe-filho. A minha mãe era uma pessoa complexa, de uma família de mulheres muito poderosas. O seu feitio podia parecer um tornado a bater de frente, mas ela empregava-o quase sempre a pensar em mim. Quando me defendia, por exemplo, do polícia aterrorizado que recuava pelo caminho de casa com as mãos levantadas num gesto apaziguador, já ela tinha gasto a maior parte da sua energia, restando só uma dose moderada (o equivalente a um pequeno ataque aéreo, suponhamos) para discutir a questão da minha culpa e/ou castigo. Independentemente do que isso possa fazer a alguém, proporciona uma firme base psicológica e um arsenal emocional capaz de derrotar continentes.

Só há relativamente pouco tempo me apercebi que as figuras paternas são raras (e estão muitas vezes ausentes) na minha obra. Fui criado pela minha mãe e fiz parte de uma geração que viu muitos milhões de pais mortos ou encarcerados, daí nunca me terem feito realmente falta. A minha experiência era corriqueira. Dos meus amigos mais chegados, só um tinha o pai em casa (e mesmo este não era grande crédito para a espécie). Pessoalmente, convenci-me de que um pai é muitas vezes um risco para a família e estou certo de que os meus filhos concordariam comigo.

A busca espiritual de Karl Glogauer, embora tratando-se de uma questão muito mais dramática e intensa, reflecte em parte os meus sentimentos durante a adolescência e deixa entrever o meu próprio desenvolvimento espiritual, para além da minha curiosidade permanente em relação às religiões judaico-cristãs. Poucos anos antes de escrever *Eis o Homem*, procurei obter experiência directa das várias crenças à minha disposição. Assisti a toda uma panóplia de serviços religiosos. *The Perennial Philosophy* de Aldous Huxley teve um efeito tremendo em mim, bem como *The White Goddess* de

Robert Graves e *O Martírio do Homem* de Winwood Reade. Estes, juntamente com a *História Universal* de H. G. Wells, as peças de Shaw e um «guia» de bolso sobre Kant, foram o fundamento da minha autodidática. Tive também a sorte de fazer amigos entre académicos brilhantes que me apresentaram idéias mais complexas.

Enquanto ponderava as notas que tinha para a história, fiz também uma leitura aprofundada do *Novo Testamento*. Li-o três vezes do princípio ao fim, e a ele voltei à medida que a história começava a ganhar forma.

Eis o Homem foi escrito para a *New Worlds* numa altura em que, no que aos princípios orientadores dizia respeito, a revista começava a entrar no seu ritmo normal. Esse número continha uma reflexão irónica sobre a bomba de Hiroshima por Brian Aldiss, *Another Little Boy*, *The Atrocity Exhibition* de J. G. Ballard, *Invaded by Love* de Thomas M. Disch, *A Taste of the Afterlife* de Charles Platt e Barry Bayley e várias outras coisas boas. Procurando evitar as reclamações habituais que naqueles tempos seguiam as minhas políticas, escrevi de forma um pouco pia no meu editorial que queria os meus contos julgados pelas suas qualidades, e não como contos «inovadores» ou escritos para chocar. «A sua intenção é séria, e tratam de assuntos de profunda importância para os autores. Tentam lidar com o trabalho de analisar e interpretar vários aspectos da existência humana, e esperam ao mesmo tempo divertir o leitor.»

Quando a história foi alargada para publicação em livro (continuo a achar que esta versão mais curta é a melhor), recebeu, na maior parte, muito boas críticas da imprensa religiosa, em especial a judia e a católica, e a maioria das pessoas concordou que estava a examinar, e não a atacar, o etos cristão. Alguns críticos viram na história uma mensagem espiritual. Só quando foi publicada na América é que comecei a receber ameaças de morte, a maior parte do chamado Bible Belt, quase todas do Texas, e que eram praticamente idênticas em espírito àquelas que Rushdie recebeu do mesmo tipo de gente que discordou de *Os Versículos Satânicos* (e que não ofendeu nenhum dos meus amigos muçulmanos), algo que me surpreendeu. Vivemos numa era em que as pessoas se agarram aos destroços das suas ortodoxias afundadas como se fossem a

salvação, e continuam, de maneira agressiva, a promover as mesmas idéias que as levaram à sua desagradável situação. Só podemos esperar, suponho, que, no seu entusiasmo pela autodestruição, não nos arrastem a nós para o fundo. Sorrisos violentos, música de orquestra enlatada, boas vizinhanças forçadas, vigoroso aplauso, apresentações arrebatadoras como no mundo dos espectáculos, e hinos simplificados não substituem a verdadeira substância espiritual e, parece-me, demonstram a crise de muitas igrejas cristãs da actualidade. Muita arte popular cresceu da Igreja, e muitas belas artes foram inspiradas e patrocinadas pela Igreja. A Igreja, quer me parecer, tem mais êxito e é consideravelmente mais saudável como inovadora e mecenas do que como imitadora e censora.

Cresci num mundo violento, num país que lutava pela vida contra um inimigo monstruoso. Esse inimigo tinha já corrompido as próprias igrejas e fizera das mais conservadoras — independentemente da denominação — suas aliadas. Em nome do conservadorismo (e não do fascismo ou do nazismo), começara por cooptar o próprio Papa, bem como outros eminentes líderes religiosos, nos seus planos. Contou com fervorosos apoiantes entre as personalidades religiosas da rádio americana, que faziam eco dos receios e preconceitos dos conservadores religiosos, à semelhança do que Pat Buchanan faz nos dias de hoje.

Usando retórica assustadoramente parecida com o que se ouve nos dias de hoje, estas personalidades da rádio, demagogos irresponsáveis com enormes audiências populares, emergiram dos horrores consequentes da era nazi, que tinham ajudado a criar, de consciência tranquila apenas porque nunca estiveram perto de imitar Cristo, em nome do qual falavam.

Até onde a religião organizada cooperou com o fascismo é, na minha opinião, um assunto importante mas geralmente evitado, um

indicador importante da crise actual da Igreja.

As igrejas cristãs nunca tentaram de facto examinar o seu envolvimento no holocausto, até onde conspiraram com os nazis ou deixaram de lhes resistir quando estes surgiram. A realidade é que a religião ortodoxa foi, de modo geral, atraída por estas idéias e encontrou esperança nas promessas de Mussolini ou de Hitler precisamente porque ofereciam resistência à mudança, precisamente porque usavam a retórica absurda, sentimental e, em última análise, profundamente cruel da reacção. O número considerável de homens e mulheres cristãs que morreram, muitas vezes numa agonia e medo consternadores, por seguirem as suas consciências cristãs, morreram, quer-me parecer, numa imitação de Cristo e assim reforçaram a fé de quem os seguia. Mas as igrejas organizadas raramente ofereciam genuína resistência.

Tanto Mussolini como Hitler tomaram as rédeas de nações com constituições democráticas quase perfeitas a separar a Igreja do Estado. Rasgaram essas constituições e uniram Igreja e Estado, e por isso receberam louvores consideráveis dos líderes cristãos.

Como crente apaixonado nos princípios da nossa democracia comum, não posso deixar de lamentar o facto de que os EUA são, actualmente, o estado moderno mais explorado, mal informado e ignorante de todos os seus pares democráticos. Notoriamente, tem os piores serviços noticiosos. Pessoas mal informadas são manipuladas e convencidas a agir contra os seus próprios interesses. Poucos americanos modernos conhecem a própria História ou os princípios do robusto sistema político da sua nação. Houve boa razão para os líderes da revolução americana, entusiasmados pelas idéias do Iluminismo, introduzirem esses princípios na Constituição. Esses radicais americanos foram os mais nobres sucessores dos políticos progressistas britânicos (muitos dos quais apoiavam a Revolução Americana) que já tinham feito do seu país um dos mais democráticos do mundo. Estavam conscientes da universalidade do apoio e manutenção de autoridades corruptas endémica à unificação da Igreja e do Estado, e o quanto isso contribuía para a injustiça e para a tirania na Europa. Estavam determinados a não deixar que esse fenómeno particular se instalasse no Novo Mundo e, na sua

eloquente Carta de Direitos, instauraram um princípio destinado a impedi-lo. É quiçá irónico que a Igreja e o Estado nunca tenham estado tão perto na América moderna e que o poder repressivo da Igreja seja agora exactamente aquilo que os fundadores do país tinham procurado evitar. O corporativismo multinacional moderno pode muito bem ter desafiado esses princípios, mas, apesar da fúria com que tem atacado os últimos bastiões do nosso poder público, ainda não levou a sua avante.

Na Grã-Bretanha, a Igreja tem frequentemente uma voz activa e bem publicitada nas suas críticas à desumanidade dos grandes negócios e à hipocrisia do governo. Fala predominantemente pelas pessoas vulgares, pelos ideais cristãos da tolerância e da igualdade, e age muitas vezes como oposição espiritual às autoridades temporais. Ironicamente, e embora não esteja separada do Estado, critica mais as autoridades instituídas do que, por exemplo, as igrejas evangélicas dos EUA. Também irónico é o facto de as igrejas evangélicas britânicas conservarem muitas vezes as suas tradições radicais dissidentes que produziram muitos dos melhores políticos de esquerda na política do pós-guerra. De igual modo, na África e na América do Sul, os sacerdotes estão entre os mais corajosos opositores da tirania e da ortodoxia. Em muitas outras partes do mundo, há cristãos que arriscam frequentemente as vidas e tudo o que prezam para se dedicarem aos seus ideais. Os serviços de rádio da BBC que escuto enchem-se de advertências para o dever cristão de praticar resolutamente as boas acções, de fazer das palavras religiosas actos espirituais. Os aspectos consoladores desta religião não se encontram isolados dos actos. São intrínsecos. Diria que imitar Cristo é o mais importante acto de fé que um cristão pode executar. Ao rejeitar a ignorância e o preconceito a favor da educação e da tolerância, temos hipótese de alcançar o paraíso ou, no mínimo, a nossa própria harmonia moral e espiritual, que decerto será a nossa maior arma contra os efeitos da cupidez humana, contra os poderes do Caos e da Noite Velha...

A busca de Karl Glogauer pela harmonia é uma busca dramática. A pouca maquinaria científico-ficcional que existe na história foi deliberadamente justificada pelo uso das suas imagens temáticas, do seu simbolismo. Preocupei-me para que o conto não fosse visto predominantemente como «uma história de viagens no tempo para quebrar tabus», mas como uma análise de certos temas. A semelhança da máquina do tempo com um útero não é coincidência. A esse respeito, calculo que se possa dizer que Karl Glogauer é um cristão renascido. A sua viagem atormentada, de Belém ao Gólgota, condu-lo ao derradeiro acto de fé de muitos mártires cristãos, que filosoficamente torna possível a existência de Cristo, independentemente do que possam sugerir as provas escritas.

Para mim, tanto faz se a *Bíblia* é um registo histórico ou poético. Tenho o *Novo Testamento* na requintada versão de Tyndale — versão na qual a nossa *Bíblia Rei Jaime* foi em grande parte baseada — e esta continua a ser uma inspiração. Ao lê-la, não se pode deixar de pensar como Tyndale, impelido pelo desejo de levar a palavra de Deus ao povo, acabou condenado à fogueira pela sua própria Igreja por tê-la produzido. Temiam que pusesse em causa a sua autoridade.

É interessante também notar que a mesmíssima *Bíblia* é hoje usada por autoridades religiosas resolvidas a punir aqueles que, entre nós, continuam a examinar as nossas consciências e tentam seguir os princípios da fé, mas sem qualquer desejo de aceitar as limitações autodestrutivas da ortodoxia.

A derradeira ironia, claro, é que Cristo em pessoa descreveu o processo. Quiçá a única grande diferença entre a sua época e a nossa seja que, nos dias que correm, os vendilhões das empresas, apesar de serem com frequência a voz predominante nos templos, se tornaram mais astutos nos seus disfarces. Hoje em dia, suspeita-se que arrendem discretamente esses mesmos templos. Numa sociedade que já marcha, aos berros, a caminho do Caos, a voz do autoritarismo religioso não é a voz da salvação. O dinheiro não tem moral. O monetarismo é imoral por natureza. Quando a religião é cooptada para porta-voz do corporativismo internacional, desesperado por se expandir para o sector público (i.e., o nosso

território) e aumentar os seus lucros à custa do nosso poder democrático, está na verdade a atacar os próprios valores que finge proteger.

Ao sofrer as hipocrisias da religião organizada, Karl Glogauer não rejeita a religião em si. Ao procurar confirmação da existência de Cristo, tenta desesperadamente fazer o que, creio, muitos de nós fazemos quando procuramos conciliar as nossas necessidades espirituais com os ditames das denominações instituídas. Estes compromissos são necessários na política partidária, onde, para se ser eficiente, é preciso trabalhar com outros de idéias e necessidades mais ou menos semelhantes. Contudo, estes compromissos são, na minha óptica, a antítese da religião.

Em nenhuma parte desta história tive a intenção de chocar ou transtornar alguém. Estava a analisar uma idéia. Tal como entendia o cristianismo, esta era uma análise perfeitamente aceitável e até reverente. Não tinha ainda percebido, naquela altura, que embora muitos falassem de religião, o que queriam realmente dizer era fanatismo político. Julgava estar a participar num debate contínuo. Foi a ferocidade homicida dos meus correspondentes que me fez finalmente perceber que tinha cometido um crime capital...

A todos os que me escreveram a oferecer a opinião de que devia ser morto ou, tirando isso, duramente castigado por escrever a história, reembolsei o valor de compra do seu exemplar, mais a franquia. Sempre me pareceu a melhor maneira de tratar os fregueses descontentes. Esse princípio, todavia, não se aplica às edições limitadas mais dispendiosas...

A primeira edição do livro não foi publicada em Inglaterra como ficção científica. Recebeu críticas simpáticas da imprensa literária e religiosa, e também foi bem aceite na comunidade da ficção. Apareceu no mesmo ano que *The Mad God's Amulet*, *The Runestaff*, *A Escuna Que Veio do Gelo*, *The Black Corridor* e *The Final Programme*, todos com níveis muito diferentes de ambição. A sua disparidade confundiu algumas pessoas. Se, hoje em dia, as continua a confundir, talvez seja o melhor por que posso esperar.

Se há coisa que me tenho pena é que Mai Zetterling, a actriz, romancista e realizadora, nunca tenha tido oportunidade de filmar

esta história. Tinha imensa vontade de o fazer, e creio que ela e o seu marido da altura, David Hughes, teriam melhorado consideravelmente o original. Infelizmente, não conseguiu encontrar uma produtora que não fizesse exigências descabidas para mudar a história ou as suas técnicas, pelo que o projecto acabou na gaveta. Foi uma mulher talentosa, com um grande coração, e de quem tenho muitas e felizes recordações, pelo que dedico esta edição à sua memória.

Michael Moorcock,
Lost Pines, Texas,
Janeiro de 1996

Karl Glogauer é um homem dos nossos tempos. Quando o destino lhe oferece a possibilidade de viajar no tempo, ele não tem dúvidas quanto ao lugar e à época que quer visitar: a Terra Santa no tempo de Jesus.

Mas o que poderia ser uma viagem turística à morte do Messias e ao nascimento da maior religião do mundo revela-se uma desilusão: Maria é a libertina da aldeia, José um velho amargo e Jesus Cristo apenas um deficiente mental.

Devotado ao ideal de um Jesus real e histórico, Karl acredita que tem de fazer alguma coisa. Reunindo seguidores, repetindo parábolas que consegue recordar e usando truques psicológicos para simular milagres, Karl toma o lugar do Messias. Mas fará sentido um Messias que, no final, não morra na cruz?

Com maestria, Moorcock explora várias questões filosóficas: é importante Jesus ter realmente existido? Será que algo tem de acontecer historicamente para que o mito à sua volta tenha significado? Em suma, o que é mais importante, a fé ou a História?

“Uma das grandes obras literárias do século XX.”

—Literature Fantastique

Vencedor
do prestigiado
Nebula

Literatura contemporânea

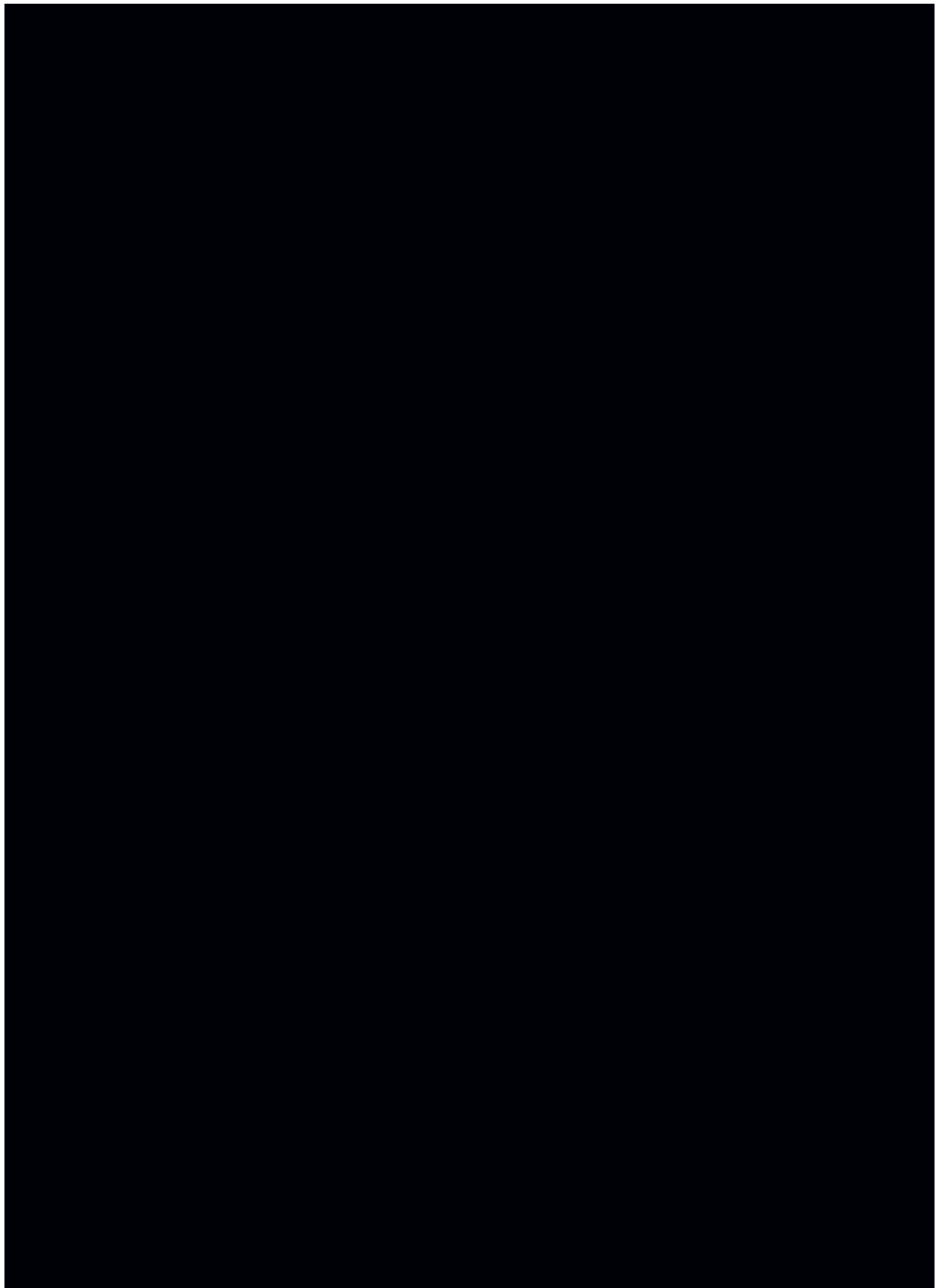
ISBN 978-972-8830-87-1

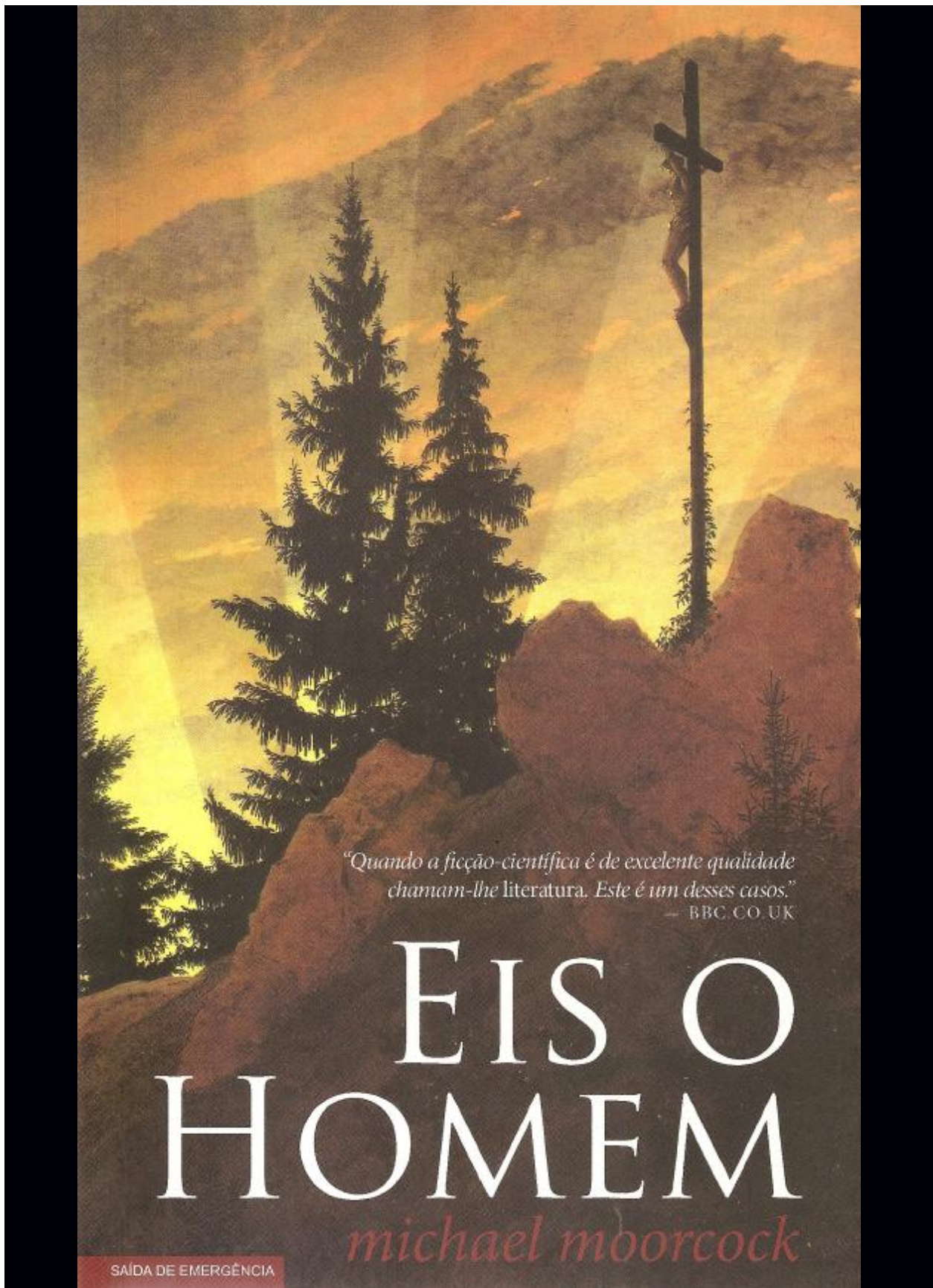


9 789728 839871

coleção
Bang!

WWW.SAIDAODEEMERGENCIA.COM





"Quando a ficção-científica é de excelente qualidade chamam-lhe literatura. Este é um desses casos."
— BBC.CO.UK

EIS O HOMEM

michael moorcock

SAÍDA DE EMERGÊNCIA